



# DIÁRIO

## da Assembleia Nacional

IX LEGISLATURA (2010-2014)

3ª SESSÃO LEGISLATIVA

### REUNIÃO PLENÁRIA DE 29 DE NOVEMBRO DE 2011

**Presidente:** Ex.<sup>mo</sup> Sr. Evaristo Carvalho

**Secretários:** Ex.<sup>mos</sup> Srs. Celmira Sacramento

Deolindo da Mata

Sebastião Pinheiro

#### SUMÁRIO

O Sr. Presidente declarou aberta a sessão às 10 horas e 25 minutos.

Procedeu-se à tomada de posse de um Deputado substituto à Assembleia Nacional.

Foi aprovado por aclamação o voto de saudação n.º.1/IX/2011. Usaram da palavra os Srs. Deputados Rafael Branco (MLSTP/PSD), Alcino Pinto (MLSTP/PSD) e Albertino Bragança (PCD).

O Plenário aprovou, na generalidade, especialidade e em votação final global o orçamento da Assembleia Nacional. Fizeram uso da palavra, além do Sr. Deputado José Diogo (ADI), que apresentou o orçamento, e do Secretário-Geral da Assembleia Nacional (Romão Couto), os Srs. Deputados José Viegas

(MLSTP/PSD), Rafael Branco (MLSTP/PSD), Gil Costa (PCD), Maria das Neves (MLSTP/PSD), Albertino Bragança (PCD), Delfim Neves (PCD), Hélder Paquete (ADI), Alcino Pinto (MLSTP/PSD), Elsa Pinto (MLSTP/PSD), Levy Nazaré (ADI) e António Ramos (MLSTP/PSD).

Por último, foram aprovados, na generalidade, especialidade e em votação final global, os projectos de resolução n.ºs 28 e 29/IX/2011 – Prorrogação por mais 60 dias do prazo das CPI sobre Chapas de Zinco e Lota de Peixe, respectivamente. Usaram da palavra os Srs. Deputados Cecílio Quaresma (ADI), Carlos Pinheiro (ADI), Gil Costa (PCD), Rafael Branco (MLSTP/PSD), Guilherme Octaviano (MLSTP/PSD) e Albertino Bragança (PCD).

O Sr. Presidente encerrou a sessão às 14 horas.

Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, existe quórum, pelo que declaro aberta a sessão.

*Eram 9 horas e 50 minutos.*

Estavam presentes os seguintes Srs. Deputados:

Acção Democrática Independente (ADI):

**Adérito** de Oliveira **Bonfim** dos Ramos  
**Adilson** Cabral **Managem**  
**Alexandre** da Conceição **Guadalupe**  
**André** Varela **Ramos**  
**António dos Santos** **Semedo**  
**Bilaine** **Carvalho** Viegas de Ceita  
**Carlos** Alberto Pires **Pinheiro**  
**Carlos** Manuel Cassandra **Correia**  
**Cecílio** Quaresma **da Graça** do Sacramento  
**Celmira** de Almeida do **Sacramento**  
**Domingos** José da Trindade **Boa Morte**  
**Domitília** Portulêz **Trovoada** da Costa  
**Flávio** Pires **Mascarenhas** dos Ramos  
**Firmino** **João Raposo**  
**Hélder** **Paquete Lima**  
**Idalécio** Augusto **Quaresma**  
**Evaristo** do Espírito Santo **Carvalho**  
**Isabel** Mayza Jesus da Graça **Domingos**  
**José** António do Sacramento **Miguel**  
**Levy** do Espírito Santo **Nazaré**  
**Manuel** da Graça José **Narciso**  
**Mário** **Fernando**  
**Martinho** da Trindade **Domingos**  
**Octávio** da Costa de **Boa Morte** Fernandes  
**Paulo** **Jorge** de Carvalho  
**Roberto** Patrício das Neves **Lombá**

Movimento Libertação de São Tomé e Príncipe/Partido Social-Democrata (MLSTP/PSD)

**Adllander** Costa de **Matos**  
**Alcino** Martinho de Barros **Pinto**  
**António** Afonso **Ramos**  
**António** Monteiro Fernandes  
**António** Neves Sacramento **Barros**  
**Arlindo** **Barbosa** Semedo  
**Aurélio** Pires Quaresma **Martins**  
**Carmelita** **Taveira**  
**Deolindo** Luís da Trindade **da Mata**  
**Dionísio** Fernandes **Leopoldino**  
**Domingos** Monteiro Fernandes  
**Elsa** Maria d'Alva Teixeira **Pinto**  
**Filomena** Sebastião Santana **Monteiro** d'Alva  
**Guilherme** **Octaviano** Viegas dos Ramos  
**Hélder** Afonso da Costa **das Neves**  
Joaquim **Rafael Branco**  
**José** da Graça **Viegas** Santiago  
Manuel da Cruz **Marçal Lima**  
**Manuel** Quaresma **Martins**  
**Maria das Neves** Ceita Batista de Sousa  
**Silívia** **Ambrósio** Gil do Espírito Santo

Partido de Convergência Democrática (PCD):

**Albertino** Homem Sequeira **Bragança**  
**Delfim** Santiago das **Neves**  
**Francisco** Daniel **Gula**

**Firmino João Raposo**  
**Gil Mascarenhas da Costa**  
Maria **Edite Salvaterra** Pinto  
**Sebastião Lopes Pinheiro**

Movimento Democrático Força da Mudança/Partido Liberal (MDFM/PL):

**Eugénio António Sacramento da Graça**

O Sr. **Presidente**: — Sras. e Srs. Deputado, vamos começar o nosso trabalho de hoje. Vamos proceder à tomada de posse de Deputados substitutos.

Tem a palavra a Sra. Secretária.

A Sra. **Secretária** (Celmira Sacramento): — Sr. Presidente, Srs. Ministros, Sras. e Srs. Deputados, vamos passar ao empossamento de um Deputado à Assembleia Nacional.

«Termo de Posse do Deputado à Assembleia Nacional.

Compareceu ao Plenário da Assembleia Nacional, aos 29 dias do mês de Novembro do ano 2011, o Sr. Deputado substituto António dos Santos Semedo, do Círculo Eleitoral de Caué, em substituição do Sr. Deputado eleito José Manuel Costa Alegre, tendo o mesmo prestado juramento nos seguintes termos.»

*O Sr. Deputado prestou juramento nos termos constitucionais.*

«E para constar, se lavrou o presente Termo de Posse que vai ser assinado por S. Exa. o Sr. Presidente da Assembleia Nacional, já assinado pelos empossados e por mim, a Secretária Permanente da Mesa da Assembleia Nacional, que o lavrou».

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado Semedo, seja bem-vindo e desejamos-lhe sucesso no seu desempenho.

Temos uma agenda de trabalho para hoje, o ponto fundamental é discussão e aprovação do orçamento da nossa instituição. Também temos duas resoluções para aprovar, mas antes há um pedido de voto de saudação que entrou ontem na Mesa da Assembleia. Este ponto enquadra-se no Período de Antes da Ordem do Dia, nos termos do artigo 83.º alínea d) do Regimento. O requerimento vem publicado no Diário da Assembleia Nacional, na página 176. É um pedido subscrito por quatro Srs. Deputados dos distintos grupos parlamentares do nosso Parlamento.

O pedido satisfaz o que vem regulado no Regimento, pelo que vamos trabalhar e votá-lo se o Plenário assim entender.

Convido a Sra. Secretária da Mesa a proceder à leitura do requerimento.

A Sra. **Secretaria**: — Sr. Presidente, o voto de saudação tem o seguinte teor: «Os proponentes abaixo assinados vêm, nos termos do n.º 2 do artigo 89.º do Regimento da Assembleia, propor a Vossa Excelência o voto de saudação relativo ao resultado positivo, “empate”, obtido na segunda mão da pré-eliminatória de acesso à fase de grupos do mundial de 2014, com a equipa da República do Congo, com o seguinte teor:

A Assembleia Nacional saúda o regresso da Selecção Nacional de Futebol 11 às competições internacionais e enaltece, desta forma, os esforços despendidos pelos jogadores, pela Federação São-tomense de Futebol e pela equipa técnica, na pré-eliminatória de acesso à fase de grupos do Mundial de 2014.

Uma saudação especial à Federação São-tomense de Futebol, na pessoa do seu Presidente, pelo dinamismo e organização que vem demonstrando na gestão do futebol são-tomense e, acima de tudo, por ter conseguido em apenas 1 ano de mandato levar a nossa selecção a uma competição internacional.

Não obstante o resultado do jogo ocorrido em São Tomé, o empate consagrado no Congo é motivo de orgulho para todos nós e um grande estímulo para os jovens desportistas são-tomenses, que merecem a oportunidade para continuarem a mostrar o seu valor e talento.

O nosso futebol saiu dignificado aos olhos do mundo, pelo empenho que marcou a presença são-tomense no jogo da segunda mão, realizado na República do Congo e teve igualmente o mérito de chamar a atenção de todos para a necessidade de ser dado um impulso decisivo ao desenvolvimento de uma cultura desportiva que efectivamente valorize a formação de jovens atletas e lhes permita colocar o seu talento ao serviço do País e principalmente nos seus clubes.

Deste voto será dado conhecimento aos jogadores da Selecção São-tomense de Futebol 11, à Federação São-tomense de Futebol, à equipa técnica e aos seus responsáveis.

Publique-se.

A Assembleia Nacional, em São Tomé, aos 29 de Novembro de 2011.

Os proponentes:

Grupo Parlamentar da ADI, Sr. Deputado Domingos Boa Morte.

Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD, Srs. Deputados Alcino Pinto e Adllander Matos.

Grupo Parlamentar do PCD, Gil Mascarenhas da Costa.»

O Sr. **Presidente**: — Eis o teor do pedido formulado pelos Deputados subscritores. Como vinha dizendo, este pedido enquadra-se no Período de Antes de Ordem do Dia e depende da aceitação ou não dos Srs. Deputados, como diz o artigo 89.º do Regimento:

«1.Os votos de congratulação, protesto, saudação ou pesar podem ser propostos pela Mesa ou por um número de Deputados não inferior a quatro.

2. Os Deputados que queiram propor qualquer voto devem comunicar à Mesa a sua intenção até ao início da reunião.

3. Apresentado à Mesa o voto proposto, a sua discussão é feita no tempo a que têm direito os grupos parlamentares dos Deputados que intervierem na discussão».

Portanto, o pedido vem subscrito por quatro Srs. Deputados dos grupos parlamentares da ADI, do MLSTP/PSD e do PCD.

Está posto em debate o pedido de voto de saudação.

Tem a palavra o Sr. Deputado Rafael Branco, para uma intervenção.

O Sr. **Rafael Branco** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, não tenho objecção nenhuma. Acho que a Federação e a nossa equipa de futebol devem ser encorajadas a melhorar o seu desempenho, mas fica uma questão: o que faremos um dia que a nossa selecção ganhar um jogo? Acho que estamos a pôr a bitola um pouco em baixo. Estou de acordo que se encoraje, mas a Assembleia Nacional fazer um voto de louvor por este resultado?

Quero partilhar esta questão com os Srs. Deputados: o que é que faremos um dia que a nossa selecção empatar dois jogos?

O Sr. **Presidente**: — Há algum proponente que queira responder à observação colocada pelo Sr. Deputado Rafael Branco?

Tem a palavra o Sr. Deputado Alcino Pinto.

O Sr. **Alcino Pinto** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, entendo o alcance da preocupação do Sr. Deputado Rafael Branco, a nós próprios foi colocada esta questão, mas entendemos que depois de quase uma década de ausência nas competições internacionais era o momento de a Assembleia Nacional marcar esta posição, saudando sobretudo o regresso da nossa selecção e encorajá-la, não obstante o resultado obtido.

O Sr. **Presidente**: — Há mais alguma intervenção?

Temos um projecto de voto de saudação e vamos submetê-lo à votação, não havendo qualquer outra observação.

Peço ao Sr. Secretário Deolindo da Mata para proceder à leitura do projecto.

O Sr. Deputado Gil pede a palavra em que quadro?

O Sr. **Gil Costa** (PCD): — Sr. Presidente, apenas para dizer que uma cidadã acabou de me ligar a dizer que há problemas com o som da Rádio Nacional. Não se entende muito bem o que os Deputados estão a falar. Não sei qual é o problema, seria bom que se verificasse.

*Pausa.*

O Sr. **Presidente**: — Bom, parece que o som já está a sair bem, vamos prosseguir.

la dizendo que não havendo qualquer obstáculo ao pedido formulado pelos Srs. Deputados, passaríamos à votação do voto requerido.

Podemos passar à votação? Então peço novamente ao Sr. Secretário da Mesa para proceder à leitura do projecto.

O Sr. **Secretário** (Deolindo da Mata): — Sr. Presidente, passo à leitura do projecto de voto de saudação n.º 1/IX/2011.

«Os Deputados à Assembleia Nacional de São Tomé e Príncipe saúdam o regresso da Selecção Nacional de Futebol 11 às competições internacionais e enaltece desta forma os esforços despendidos pelos jogadores, pela Federação São-tomense de Futebol e pela equipa técnica na pré-eliminatória de acesso à fase de grupos do Mundial de 2014.

Uma saudação especial à Federação São-tomense de Futebol, na pessoa do seu Presidente, o Tenente-coronel Idalécio Pachire, pelo dinamismo e organização que vem demonstrando na gestão do futebol são-

tomense, e, acima de tudo, por ter conseguido em apenas 1 ano de mandato levar a nossa selecção a uma competição internacional.

Não obstante o resultado do jogo ocorrido em São Tomé, o empate consagrado no Congo é motivo de orgulho para todos nós e um grande estímulo para os jovens desportistas são-tomenses que merecem a oportunidade para continuarem a mostrar os seus valores e talento.

A participação da Selecção São-tomense de Futebol 11 na pré-eliminatória de acesso à fase de grupos do Mundial de 2014 ficará na memória de todos como um acontecimento de relevo para a história do desporto são-tomense, não só pelo último resultado obtido, mas principalmente pelo elevado *fair play* e extraordinário espírito de equipa revelados dentro e fora de campo.

O nosso futebol saiu dignificado aos olhos do mundo pelo empenho que marcou a presença são-tomense no jogo da segunda mão, realizado na República de Congo, e teve igualmente o mérito de chamar a atenção de todos para a necessidade de ser dado um impulso decisivo ao desenvolvimento de uma cultura desportiva que efectivamente valorize a formação de jovens atletas e lhes permita colocar o seu talento ao serviço do País, mas também e principalmente nos seus clubes.

Deste voto será dado conhecimento aos jogadores da Selecção São-tomense de Futebol 11, à Federação São-tomense de Futebol, à equipa técnica e aos seus responsáveis.

Assembleia Nacional, em São Tomé, aos 28 de Novembro de 2011.

O Presidente da Assembleia Nacional, Evaristo do Espírito Santo Carvalho.»

O Sr. **Presidente**: — Algum comentário, em jeito de apreciação na generalidade, Srs. Deputados? E na apreciação na especialidade?

Tem a palavra o Sr. Deputado Albertino Bragança, para uma intervenção.

O Sr. **Albertino Bragança** (PCD): — Sr. Presidente, por razões certamente compreensíveis, não estou em condições de me pronunciar sobre essa matéria. Prefiro não me pronunciar pelo facto de a Assembleia ter como objectivo analisar a questão do voto de saudação, mas em termos de redacção queria dar a minha ajuda.

«Os Deputados à Assembleia Nacional...enaltece desta forma ....» Os deputados enaltecem; «Não obstante o resultado do jogo ocorrido em São Tomé, ...os jovens desportistas são-tomenses que merecem a oportunidade para continuarem a mostrar os seus valores e talento.» Aqui seria «...para continuarem a mostrar o seu valor e talento.». Valores é outra coisa.

No último parágrafo «O nosso futebol saiu dignificado aos olhos do mundo pelo empenho que marcou a presença são-tomense no jogo da segunda mão, realizado na República de Congo, e teve igualmente o mérito de chamar a atenção de todos ...», o que obteve o mérito de chamar a atenção é o resultado alcançado. O sujeito é outro.

Portanto, são estas três questões que eu levanto.

O Sr. **Presidente**: — Mais alguma intervenção?

Tem a palavra o Sr. Deputado Gil Costa.

O Sr. **Gil Costa** (PCD): — Sr. Presidente, não sei se estou correcto, mas gostaria de partilhar esta questão com as pessoas que entendem melhor de português. No segundo parágrafo diz: «Uma saudação especial à Federação São-tomense de Futebol, na pessoa do seu Presidente, o Tenente-coronel Idalécio Pachire, pelo dinamismo e organização que vêm demonstrando...».

O Sr. **Presidente**: — É para tirar o acento, não é?

**Uma Voz**: — Sim, sim.

O Sr. **Presidente**: — Sim senhor. Portanto, o Presidente é que vem demonstrando dinamismo na gestão.

Tem a palavra o Sr. Deputado Albertino Bragança.

O Sr. **Albertino Bragança** (PCD): — Sr. Presidente, geralmente a Assembleia Nacional quando aprova qualquer diploma, mesmo os votos de pesar e outros, há uma fórmula e essa fórmula não aparece aqui. Estamos a aprovar uma coisa em que a Assembleia nem é citada, praticamente. O que é que foi submetido à aprovação? Geralmente vem o preâmbulo, depois a fórmula de que a Assembleia assume o compromisso: aprova, vota, resolve e neste a fórmula apresentada é compacta e não traduz nenhum compromisso da Assembleia em aprovar ou não. Refiro-me à forma.

O Sr. **Presidente**: — Deveria ter um artigo a dizer que a Assembleia Nacional aprova.

O Sr. **Albertino Bragança** (PCD): — Pois é. Não sei se há algo de especial que faz com que não se adopte a forma habitual.

O Sr. **Presidente**: — Há uma chamada de atenção, mas vamos submeter o fundamental à votação e depois daremos a forma devida.

Srs. Deputados, estão a favor ou não de a Assembleia fazer esse voto de saudação?

*Submetido à votação, foi aprovado por aclamação.*

Tem a palavra o Sr. Deputado Rafael Branco, para uma declaração de voto.

O Sr. **Rafael Branco** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, participei nesta aprovação por aclamação e queria associar a esse voto os êxitos que temos tido na canoagem, no atletismo, que são atletas são-tomenses que têm prestigiado muito o nosso país.

Pessoalmente, gostaria de deixar esse registo também aos nossos jovens que praticam essas modalidades.

*Aplausos gerais.*

O Sr. **Presidente**: — Pronto, consideramos aprovado o voto de saudação e vamos junto dos serviços dar a forma devida, como foi sugerido.

Temos inscrito como o primeiro ponto da Ordem do Dia «discussão e aprovação do orçamento da Assembleia Nacional para o ano de 2012». É uma matéria que vem regulada na Lei Orgânica da Assembleia, no seu artigo 55.º, secção primeira do capítulo 8.º.

O artigo 55.º diz:

«1. O projecto do orçamento é elaborado até 15 de Outubro pelos serviços competentes sob a coordenação do Secretário-Geral da Assembleia e de acordo com as orientações e objectivos previamente fixados pelo Conselho de Administração.

2. O orçamento da Assembleia Nacional é aprovado pelo Plenário, nos 30 dias subsequentes à aprovação do Orçamento de Estado.»

Assim também reza o artigo 5.º da mesma lei que diz:

«Ao Plenário, como órgão supremo da Assembleia Nacional, compete apreciar, discutir e votar o orçamento anual das receitas e despesas da Assembleia Nacional e dos orçamentos suplementares».

Ainda nesta lei, quero lembrar aos Srs. Deputados, o que diz o artigo 56.º:

«1. As alterações ao orçamento da Assembleia Nacional, até ao máximo de três, são realizadas através do orçamento suplementar, devendo ser elaboradas nos termos e com as devidas adaptações do artigo anterior.

2. As transferências de verbas são operadas, nos termos da legislação em vigor, com as necessárias adaptações». Quando se diz legislação em vigor temos que recordar que temos uma lei das finanças, a Lei sobre SAFE, que orienta todos esses procedimentos.

No artigo 57.º temos elencadas as fontes de receitas da Assembleia Nacional.

Estou somente a fazer lembrar aos Srs. Deputados como é que o orçamento da nossa instituição funciona.

O artigo 58.º fala sobre as despesas, como é que elas são autorizadas. Ainda o artigo 59.º indica como é que o orçamento da Assembleia é executado, depois temos o artigo 60.º que aborda a questão de requisição de fundos; 61.º, Regime duodecimal do orçamento, fundo permanente e na secção terceira, fiscalização orçamental. Isso quer dizer que o próprio orçamento da Assembleia deve ser fiscalizado.

Dito isso, vamos ao procedimento que é apresentação do projecto. Gostaria de chamar o Sr. Deputado José Diogo, Presidente do Conselho de Administração, para proceder à apresentação do projecto.

O Sr. **José Diogo** (ADI): — Sr. Presidente, Sr. Ministro dos Assuntos Parlamentares, Sras. e Srs. Deputados: Gostaria, em primeiro lugar, de saudar a todos e desejar êxito na prossecução dos nossos trabalhos da sessão de hoje.

Em representação do Conselho de Administração da Assembleia Nacional, tenho a nobre missão de apresentar a Vossas Excelências o projecto de orçamento da Assembleia Nacional para o ano económico de 2012.

«No processo para a elaboração do orçamento, tivemos que orientar as nossas posições, baseando-nos nas análises dos seguintes considerandos:

1. O panorama económico mundial não é de todo favorável.

2. A turbulência dos mercados financeiros conjugados com o problema da dívida soberana, particularmente em países da zona euro tem criado situações de insolvibilidade em alguns países, agravando ainda a queda de confiança dos investidores e instituições financeiras, dificultando as capacidades de relançarem as suas economias.

É preciso referir que na origem desse fenómeno factores como a fragilidade das finanças públicas e um forte endividamento descontrolado são os que mais pesaram ao fenómeno que tem vindo a assolar o mundo árabe, conhecido por «Primavera Árabe», que tem criado grandes constrangimentos para os nossos parceiros de cooperação.

O estado frágil da nossa economia depende muito das ajudas externas, facto que nos obriga a ter alguma cautela na feitura dos nossos orçamentos.

A execução orçamental da Assembleia Nacional de 2011 serviu de base para o projecto de orçamento de 2012.

Após uma análise exaustiva desses preliminares, o Conselho de Administração considerou, à luz dessas realidades, um projecto de orçamento que submeteu à Mesa da Assembleia Nacional, estimado em Dbs. 65 553 164 000 491 mil milhões repartidos da seguinte maneira: 44 968 145 005 00 mil milhões para despesas correntes e Dbs. 20 675 017 496 00 mil milhões para despesas de capital.

O Conselho de Administração, após a apresentação da iniciativa orçamental para o ano de 2012, em concertação com o Ministro de tutela, verificou que não era possível suster os valores do projecto orçamental inicial, porque na proposta de Orçamento Geral do Estado contemplava para o orçamento da Assembleia Nacional apenas o valor de Dbs. 39 544 000 000 00 mil milhões, para receitas correntes e Dbs. 17 399 102 564 00 mil milhões, para receitas de capital.

No quadro da contenção orçamental, a própria proposta do OGE para o ano económico de 2012 foi reduzida em 12,5%, em relação a 2011 e com base nesses pressupostos o Conselho de Administração decidiu elaborar uma versão B do projecto de orçamento que foi apreciado numa reunião da Conferência de Líderes com a participação dos membros do Conselho de Administração e dos serviços da Assembleia Nacional da qual se orientou no sentido de apreciar e incluir no projecto as subvenções aos partidos com assento parlamentar, também a verba destinada à Comissão Eleitoral Nacional e, por fim, encontrar-se com o Ministro das Finanças e Cooperação Internacional para alocação dessas despesas no OGE de 2012.

O Conselho de Administração tomou em consideração as propostas apresentadas pela Conferência de Líderes e encetou diligências junto ao Ministro, que resultou na realização de uma reunião conjunta em sede do Conselho, durante a qual esse garantiu reforçar o orçamento da Assembleia Nacional em mais de mil milhão de dobras, que poderia ser dotada na despesa corrente ou nas de capital; transferir para o orçamento da Assembleia Nacional verbas destinadas a subvenções aos partidos políticos com assento parlamentar.

Sendo assim, o projecto que agora se apresenta foi redimensionado para um total de receitas no valor Dbs. 58 514 202 564 00 mil milhões, das quais Dbs. 41 115 100 000 00 mil milhões para as receitas correntes, em que Dbs. 40 764 100 000 provêm do Tesouro Público, Dbs. 17 399 102 564 00 mil milhões para receita de capital, integralmente financiado pelo Estado.

Relativamente às receitas do Estado, com o orçamento da Assembleia Nacional regista-se um aumento na ordem de 9%, comparativamente ao ano de 2011.

No capítulo das receitas de capital, registamos um decréscimo na ordem de 2,36%, comparativamente ao ano de 2011.

É de referir que o programa de acções que sustenta o orçamento da Assembleia Nacional para 2012 contempla o incentivo às actividades do Grupo Parlamentar de Amizade e Jornadas Parlamentares; a realização em São Tomé do XIII Encontro da Associação dos Secretários-gerais da CPLP e do VII Encontro dos Quadros Informáticos da Associação dos Secretários-gerais da CPLP.

Paralelamente a essas acções estão programadas outras, com o intuito de atingir os seguintes objectivos:

- Prossecução dos programas de cooperação parlamentar;
  - Participação da Assembleia Nacional em reuniões de organismos internacionais;
  - Formação e capacitação dos deputados e funcionários;
  - Participação nos eventos internacionais nos quais a Assembleia Nacional é membro, designadamente UPA, UIP;
  - Apoio aos grupos parlamentares;
  - Continuação das obras de reabilitação do edifício do Palácio dos Congressos;
  - Aquisição de meios rolantes;
  - Aquisição de equipamentos;
  - Aplicação de sistemas informáticos e de redes;
  - Visita aos Parlamentos no âmbito da cooperação;
  - Missões de visitas do Presidente no âmbito da cooperação;
  - Missões de visitas do Secretário-Geral;
  - Criação e apetrechamento de gabinetes;» Quero apenas recordar que estamos a continuar com as obras de reabilitação do Palácio e estão previstos mais oito gabinetes para o funcionamento do nosso Parlamento, daí que tivemos que fazer essa provisão já pensando que ao longo de 2012, quando terminarem as obras, poderemos ter os gabinetes a funcionar.
- «Aquisição de equipamentos de sistema de votação electrónica;

Apetreçamento em meios informáticos para os deputados como forma de melhorar os seus desempenhos parlamentares;

Estudo para instalação de uma rádio da Assembleia Nacional;

Estudo para instalação de sistema de segurança;

Estudo para um anti-projecto de sede política e de residência oficial do Presidente da Assembleia Nacional;

A materialização dos objectivos acima expostos e a continuidade das acções, que por limitação de verba não foram realizadas em 2011, concorrerão para que o Parlamento possa cumprir com maior eficiência e eficácia o seu papel.»

Obrigado pela vossa atenção. Estou ao vosso dispor.

O Sr. **Presidente**: — Depois da apresentação do projecto pelo Sr. Presidente do Conselho de Administração, declaramos aberto o debate sobre o orçamento da Assembleia Nacional para o ano económico de 2012.

Portanto, está desenhado um projecto com a receita estimada em Dbs. 58,5 mil milhões e as despesas também estimadas em igual valor.

Tem a palavra o Sr. José Viegas, Líder do Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD.

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados: Ouvei atentamente o Sr. Presidente do Conselho de Administração e eu gostaria de fazer algumas referências importantes a este orçamento da Assembleia Nacional. As referências que eu aqui vou fazer têm a ver com aquilo que foi referido num encontro da Conferência de Líderes, com os membros do Conselho de Administração e com a participação do Sr. Secretário-Geral e de alguns membros que fazem a gestão financeira e administrativa da Casa Parlamentar. Nós, na altura, tínhamos advogado que era preciso que se encontrasse um quadro para mais valorização dos partidos políticos, porque eles são, de facto, os pilares para a nossa democracia. Legalmente está estabelecido na Lei dos Partidos Políticos uma percentagem que seria dada aos partidos políticos em função dos resultados eleitorais. Acontece que ao longo dos tempos nós não temos estado a actualizar isso, sem falar do facto de haver necessidade de alguma adequação, porque aquilo que se estabeleceu em 1990/1992, não responde, digamos, à nova conjuntura. Era preciso haver alguma adequação, mas para esta parte de adequação é necessário que algum expediente legislativo seja feito. No entanto, tínhamos sugerido à Assembleia Nacional dois expedientes: um primeiro é que com o Governo visse a possibilidade de aumentar aquilo que está orçamentado para os partidos políticos. Esses expedientes, não me parecem que tenham produzido algum resultado. Por aquilo que eu ouvi o Sr. Presidente do Conselho de Administração a ler, parece-me que o resultado que nós almejávamos, na altura, está frustrado.

Um segundo expediente é que a Assembleia passasse para si, digamos, esses recursos para os partidos políticos e todo o expediente seria feito através da Assembleia Nacional, para evitar situações de quando se vai às Finanças há falta de liquidez e nós compreendemos que não se faz milagres pela questão de liquidez. Ouvei o Sr. Presidente do Conselho de Administração dizer que a Assembleia vai fazer esse expediente, que ele está a ser ultimado para que essa tramitação de apoio aos partidos se faça através da Assembleia, mas não tendo ficado resolvido o problema do aumento que nós tínhamos sugerido, deixa-nos constringidos.

Última nota, há 48 horas, fizemos aqui um «debate» sobre a Comunicação Social e não escondemos o nosso sentimento em relação ao Conselho Superior de Imprensa. A sua infuncionalidade é nossa responsabilidade e a Assembleia Nacional tem uma dotação financeira para o Conselho Superior de Imprensa. Gostaríamos de pedir a indulgência das pessoas que têm que tomar decisões e fazer demarches, para que esse órgão seja, antes de tudo, reequacionado, sobretudo legitimado e que se encontre alguns termos básicos, para que os meios sejam alocados para o Conselho Superior de Imprensa. Desde logo, se calhar, baixar aquilo que tem lá programado, tendo em conta a «performance», porque não tem havido resultados nenhuns.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Rafael Branco, para uma intervenção.

O Sr. **Rafael Branco** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, queria seguir na esteira do meu Líder Parlamentar, manifestando uma preocupação de ordem mais geral. Foi dito aqui que as perspectivas mundiais não são optimistas e isso tem reflexos no nosso país, necessariamente. Sobre isso quero fazer uma primeira observação. Falámos das consequências da «Primavera Árabe» no nosso país, pode ser uma coisa de moda, mas o que nos deve preocupar mais é que o efeito da crise afectou mais os países que são tradicionalmente nossos parceiros e que contribuem historicamente em montantes muito mais elevados do que os países afectados pela «Primavera Árabe». Quer dizer, pelo que sei, aquilo que recebíamos ou estava previsto recebermos dos países árabes não tem comparação com os países que normalmente são os nossos parceiros. Não percebo essa referência particular à «Primavera Árabe» no que diz respeito às

consequências e influências no nosso país. Parece-me ser mais uma coisa de moda que não tem que ver propriamente com a nossa realidade.

A realidade que me preocupa, Sr. Presidente, é a do nosso Estado. Como disse, 2012 vai ser muito difícil, tudo indica que 2013 vai ser muito difícil e todos os órgãos deste Estado estão numa lógica que não me parece tirar todas as consequências dessa crise que nos afecta. O que me preocupa é o nível de sustentabilidade que nós, enquanto país, vamos ter para manter esse Estado a funcionar assim com esse nível de despesas.

Foi dito que se reduziu o orçamento em relação ao ano passado, mas qual tem sido o nosso desempenho enquanto instituição? Aprovamos aqui algumas leis, damos o melhor de nós todos, disso estou convencido, mas em algum momento temos que começar a pensar no desempenho das nossas instituições.

O meu Líder Parlamentar referiu-se a um desses factos. Temos um Conselho Superior de Imprensa, que é necessário, estão alocados, se ouvi bem, 620 milhões de dobras ao mesmo, mas que desempenho tivemos? Não sei quanto é que foi no ano passado. Que contribuição o Conselho de Imprensa deu para a nossa democracia, o nosso sistema ou o nosso Estado? Há despesas que continuamos a fazer.

Temos que começar a pôr ênfase no desempenho, porque o dinheiro que vem à Assembleia é dinheiro tirado aos nossos cidadãos, é dinheiro dos impostos e temos que ver a melhor maneira de aplicá-los.

Preocupa-me que uma instituição receba 620 milhões e três partidos políticos que sustentam essa democracia, se eu estou a ler os números bem, recebam 220 milhões, para dividir pelos três. O que é que isso poderá originar?

Se quisermos olhar para a nossa realidade tal como é, veremos que os partidos políticos não têm vida autónoma, baseada em princípios, eles tendem a ser apropriados. O que eu estou a dizer não é dirigido contra ninguém, é uma reflexão que estamos a fazer sobre São Tomé e Príncipe hoje. Acho que não devemos tentar desculpar-nos com aquilo de mal que se fez antes. Temos que olhar para a frente e temos que ver como é que poderemos corrigir aquilo que nós todos ou a maior parte de nós vimos fazendo de mal, e estou aqui para assumir a minha parte da culpa, mas isso não é questão! Temos que olhar para este Estado e para as instituições e ver como é que poderemos melhorar o seu desempenho.

Não estou a defender-me oficialmente, só estou a dizer que não faz muito sentido em termos de racionalidade dar a uma instituição que tem até agora quase não tem desempenho um valor e dar a três partidos políticos que sustentam a democracia um valor que é um terço disso. É só isso que eu estou a dizer.

O meu ponto de vista ainda vai mais longe, vai ver com toda a dinâmica de despesas que o nosso Estado faz, não é só a Assembleia, que para mim, perante os cenários que se avizinham parece muito difícil de sustentar no tempo.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Gil Costa.

O Sr. **Gil Costa** (PCD): — Sr. Presidente, Sr. Ministro, Sras. e Srs. Deputados, os meus cumprimentos.

Sr. Presidente, venho cá para lamentar algumas questões que no meu ponto de vista são pertinentes. A primeira questão é o tempo em que os serviços da Assembleia puseram este orçamento à disposição dos Deputados para ser aprovado hoje, ontem no segundo período. No meu ponto de vista não estamos conscientes daquilo que vamos votar, porque não tivemos tempo suficiente para podermos estudar bem o orçamento.

A outra questão que eu coloco, Sr. Presidente, é que nós exigimos do outro lado a prestação de contas e acho que temos que começar a dar exemplo.

É-nos alocado um orçamento, aprovamos, no ano seguinte aparece um outro, aprovamos e não sabemos como é feita a execução, o que se gastou e não se gastou. Existem várias rubricas no orçamento, há verbas que não são gastas, que voltam a ser alocadas, etc. Acho que os Deputados têm que estar dentro do orçamento da Assembleia e saber o que estão a aprovar. Temos que passar a exigir dos serviços da Assembleia a prestação de contas. Os Deputados têm que saber o que foi feito com o orçamento aprovado, o que se gastou, o que sobrou, para depois aprovar o orçamento seguinte. Não podemos estar todos os anos a aprovar o orçamento e não exigir a prestação de contas.

Sr. Presidente, se não tem sido prática, é o meu apelo que doravante se passe a fazer essa prática.

Mais uma questão que eu gostaria de colocar tem a ver com o Conselho de Administração. Eu advogo um pouco os funcionários da Assembleia Nacional e chegou ao meu conhecimento que foi solicitado um encontro ao Conselho de Administração para discutir o orçamento, o encontro foi solicitado pelo Sindicato dos Trabalhadores da Assembleia Nacional há mais de 15 dias e o Conselho de Administração nem sequer se preocupou em dar uma satisfação ao Sindicato. Isso é muito mau!

Todos os dias falamos da falta de diálogo, que tem que haver diálogo, tem que haver compreensão, mas isso é uma demonstração de falta de diálogo por parte do Conselho de administração.

Os funcionários da Assembleia há algum tempo a esta parte vêm solicitando um encontro com o Conselho de Administração, para se inteirarem do orçamento, para tomarem conhecimento das melhorias

que foram feitas a seu favor e até hoje o orçamento está a ser discutido e o Conselho de Administração nada disse aos funcionários. Isso é grave!

Foi aqui também dito pelo Sr. Presidente do Conselho de Administração numa das rubricas, que eu tomei nota, algo que acho muito importante. É a questão de formação dos Deputados e funcionários. Chegou ao meu conhecimento que se vem alocando verbas para formação dos Deputados e funcionários, mas parece que durante este ano económico não se mexeu um tostão dessa verba, e parece que está novamente programada.

Também chegou ao meu conhecimento que há uma previsão de a Assembleia adoptar uma política de formação específicas para os Deputados ou criar formações políticas. Só queria chamar atenção dos Srs. Deputados e dos repensáveis dos serviços da Assembleia para este aspecto, caso essa pretensão seja verdade. É verdade que a Assembleia pode regular a formação dos funcionários, mas a nível dos grupos parlamentares não. Os Deputados são técnicos também e têm que entender diversas matérias ligadas à política. Portanto, cada grupo parlamentar tem a sua política e deve pedir formação para os seus deputados de acordo com a sua política.

Se é verdade que há essa pretensão, apelo para não enveredarem por esse caminho, porque se eu, enquanto Deputado, entender que preciso de me capacitar num ramo, solicitar o meu líder e ele concordar, isso será submetido aos serviços da Assembleia Nacional e espero que não venham mandar o processo para traz, alegando que para os Deputados temos esta ou outra formação.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. <sup>a</sup> Deputada Maria das Neves.

A Sra. **Maria das Neves** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, quero saudar o Sr. Ministro dos Assuntos Parlamentares e às Sras. e Srs. Deputados.

Sr. Presidente, gostaria de saudar o esforço que esta Assembleia tem vindo a fazer para melhorar o seu orçamento.

Vejo aqui na nota explicativa uma série de questões que a Assembleia pensa em executar no âmbito deste orçamento. Foi aqui dito várias vezes que a Assembleia Nacional tem para esta Legislatura grandes desafios, nomeadamente: a reforma parlamentar e a revisão da Lei Eleitoral. Suponho que são desafios que também têm custos e não vejo neste orçamento qualquer observação sobre estes dois aspectos que considero de extrema importância para esta Casa Parlamentar.

Gostaria de saber como é que isto é tratado, se não tem custos para a Assembleia, sabendo que está contemplado no seu programa.

Outra questão, Sr. Presidente, é que esta Casa Parlamentar teve o privilégio de acolher a I Assembleia Parlamentar da CPLP e de ser o primeiro presidente da AP-CPLP. Supõe-se que é, por inerência de funções, membro da AP-CPLP.

Vejo na nota explicativa que se faz referência à participação nos eventos internacionais dos quais a Assembleia Nacional é membro. Refere-se à UPA, à UIP, à Associação dos Secretários-gerais, mas não vejo aqui nada em relação à AP-CPLP. Suponho que se estamos a falar de organizações em que São Tomé e Príncipe é membro, devia estar aqui contemplado nesta nota explicativa a AP-CPLP que tem para nós grande importância.

Colocando esta questão assim, também temos que ver outra parte, a questão de custos com esses eventos, como é que está registado no nosso orçamento.

Sr. Presidente, a última questão prende-se com a Rede das Mulheres Parlamentares da CPLP. Todos sabemos que é uma estrutura que existe e tem tido acções, quanto mais não seja, a nível internacional. Fizemos aqui a Jornada Parlamentar da Rede das Mulheres Parlamentares da CPLP e tivemos muitas dificuldades, porque não tinha sido orçamentado e tivemos que bater portas a outras instituições para que a Rede pudesse ter algum apoio financeiro para realizar esse evento.

A Rede tem acções programada. Dou um exemplo que parece até caricato. Este ano, para a nossa participação em Timor, e porque detínhamos a presidência da Assembleia Parlamentar e tendo em consideração que há sempre novas deputadas que vão aderir à nossa Rede, quisemos levar para a Assembleia Parlamentar o Estatuto da Rede das Mulheres Parlamentares da CPLP. Tínhamos que o publicar e reproduzir para levar. Fizemos uma proposta à Assembleia Nacional para que fosse desembolsado 8 milhões de dobras, para que suportássemos os custos com a reprodução dos Estatutos. Foi-nos dito que não havia disponibilidade para o efeito.

É por isso que eu gostaria de sugerir que a nível do orçamento se contemplasse também alguma verba para a Rede.

O Sr. Deputado Rafael Branco falou aqui da crise, eu compreendo, de sabermos gerir bem o que é posto à nossa disposição, para que evitássemos esses pequenos constrangimentos que não nos dignificam.

As redes de outros parlamentos têm alguma dotação orçamental para fazerem algumas actividades. Assumimos alguns compromissos, temos actividades que vamos realizar no próximo ano e eu gostaria de pedir que, ainda que de forma modesta, se colocasse à disposição da rede uma pequena dotação orçamental, para evitar pequenos embaraços quando se precisar de fazer alguma coisa. Mesmo a produção de relatórios e documentos para esses eventos a Rede faz de boa vontade como parlamentar, mas há

outras pessoas que são envolvidas, muitas vezes são deputadas suplentes que a gente devia dar alguma contribuição. A Rede carece de facto desses meios.

Sr. Presidente, gostaria de propor que, dividindo o mal pelas aldeias, se encontrasse alguma dotação orçamental para a Rede das Mulheres Parlamentares da CPLP.

O Sr. **Presidente**: — Foram levantadas algumas questões e penso que o Conselho de Administração tem algum esclarecimento a fazer, mas antes eu queria dizer ao Sr. Deputado Gil Costa que quando fiz a apresentação do ponto da Ordem do Dia tive o cuidado de ler o processo orçamental da Assembleia, precisamente para alertar aos Srs. Deputados o que é que devem fazer.

O Sr. Deputado Gil levantou a questão de prestação de contas que está prevista na Lei que citei e são os Deputados e os grupos parlamentares que devem mexer e exigir que se cumpra. O artigo 63.º da Lei Orgânica da Assembleia, fiscalização orçamental, diz:

«1. O Relatório e a Conta de Gerência são elaborados pelo Conselho de Administração até 15 de Março do ano seguinte àquele a que respeitam, sendo para o efeito organizados pelos serviços competentes, sob a directa coordenação do Secretário-Geral da Assembleia Nacional.

2. O Relatório e a Conta de Gerência da Assembleia são aprovados pelo Plenário». Fi-lo de propósito para alertar que os Deputados conheçam os caminhos da preparação, execução e fiscalização do orçamento.

Tem a palavra o Sr. Deputado Albertino Bragança, para uma intervenção.

O Sr. **Albertino Bragança** (PCD): — Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, muito bom dia.

Sr. Presidente, ouvi falar aqui que estamos num momento de crise, sobretudo os nossos parceiros de cooperação, por isso mesmo acho que não devemos entrar em devaneios, quer dizer, entrar em coisas que são poucos realistas. Vejo aqui de facto os objectivos para a elaboração de projectos: «Tomou-se em consideração, entre outros, os seguintes critérios:», mas também o presente projecto tem em conta os seguintes objectivos.

Eu pergunto a mim mesmo se de facto é realista pensarmos em integrar neste orçamento da Assembleia, em altura de crise, esses objectivos que estão aqui.

Por um lado, oiço falar em «segunda fase de reabilitação do edifício do Palácio dos Congressos». Nós fizemos uma reabilitação e não sei se estaremos em condições de fazer a segunda logo de imediato.

Por outro lado, «estudo da sede política e a residência oficial do Presidente da Assembleia Nacional». Esse preceito já vem em vários orçamentos que fizemos e nunca passamos de estudo. Deveríamos estar a elaborar um projecto, dar o passo seguinte, mas parece que há uma obrigação de inscrevermos constantemente essa questão de estudo. É um estudo que nunca mais se faz e por isso mesmo vamos continuar sempre no estudo.

Temos outro estudo para instalação de uma rádio da Assembleia Nacional de São Tomé e Príncipe. Será de facto prioritário termos uma rádio neste momento, em altura de crise?

Como são estudos e nunca deixam de ser, talvez seja por isso que colocámos aquisição de equipamentos de sistema de votação electrónica. É mesmo uma prioridade em altura de crise? Já tivemos um sistema que nunca funcionou e considera-se urgente e prioritário termos outra vez que adquirir equipamentos de sistema de votação electrónica, em momento de tanta dificuldade?

Sr. Presidente, creio que devíamos enveredar por uma planificação mais prioritária.

A Sra. Deputada Maria das Neves falou aqui na revisão da Lei Eleitoral e na reforma do Parlamento, acho que as nossas prioridades assentam nessas matérias.

Falámos com Vossas Excelências algumas vezes da questão da profissionalização ou não de uma parte de deputados, se não pudermos pôr toda a gente, de maneira que essas sim são questões vitais e prioritárias.

Esta Assembleia funciona com grandes dificuldades, como já lhe fizeram ver os presidentes das comissões especializadas permanentes. A presença de deputados é cada vez mais difícil e por isso mesmo temos que criar condições internas de remuneração, de trabalho e de meios capazes de fazer com que os Deputados estejam mais presentes às sessões das comissões e outros trabalhos afins da Assembleia Nacional.

Acho que devíamos despirmos este orçamento de alguns desses objectivos, de modo a abriremos os olhos para a realidade e não incorrermos em devaneios que nada ajudam a nossa função.

O Sr. **Presidente**: — Neste momento de discussão o MLSTP/PSD tem ainda 11 minutos, o tempo do PCD já esgotou e o ADI tem ainda o seu tempo intacto.

O Grupo parlamentar do MLSTP/PSD dá 3 minutos ao PCD.

Tem a palavra o Sr. Deputado Delfim Neves, para uma intervenção.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Sr. Presidente, é apenas para contestar este tempo que foi distribuído para se discutir um orçamento. Pelo que me lembro a Conferência não definiu o tempo, mas se devia estabelecer um tempo regular para que os grupos parlamentares pudessem contribuir da melhor maneira neste orçamento. Acho irracional dar-se 8 minutos para discutir um orçamento da Assembleia Nacional.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, há alguma sugestão para a alteração do tempo? De facto aqui nem está o tempo reservado ao autor do projecto que é o Conselho de Administração e que pode incluir também os serviços, pois há questões aqui que os serviços podem também esclarecer. Os Srs. Deputados têm alguma proposta sobre o tempo definido para a discussão do orçamento da Assembleia Nacional? Está prevista uma hora, mas na sua distribuição nem sequer está reservado um tempo para o autor do projecto falar. O autor do projecto é o Conselho de Administração e o Secretário-geral da Assembleia.

Tem a palavra o Sr. Deputado Delfim Neves, para uma intervenção.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Sr. Presidente, tendo levantado a questão, acho que no mínimo devo fazer uma proposta. Acho que a distribuição foi feita por grupos parlamentares, não incluindo os serviços, sobretudo o Conselho de Administração, porque os seus membros integram os grupos parlamentares e certamente falarão com o tempo que foi distribuído para os seus grupos parlamentares. Daí que acho que não há necessidade de reservar um tempo apenas para o Conselho de Administração. Sendo assim, proponho que se distribuía os 60 minutos de forma proporcional para os respectivos grupos parlamentares e também para o Deputado solitário.

O Sr. **Presidente**: — Os 60 minutos estão distribuídos.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Não, mais 60 minutos.

O Sr. **Presidente**: — Ah, propõe mais 60 minutos.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Estou a propor mais 60 minutos, mas se eventualmente não houver questões a discutir e mais preocupações, não temos que gastar todo tempo. Quando terminar a discussão, encerra-se o debate.

O Sr. **Presidente**: — Há uma proposta no sentido de alargar o tempo de discussão do orçamento da Assembleia para mais uma hora. Há alguma reacção? Quem quer falar peça a palavra e faça contra proposta ou não.

Tem a palavra o Sr. Deputado Hélder Paquete, para uma intervenção.

O Sr. **Hélder Paquete** (ADI): — Sr. Presidente, acho que é consensual o aumento de mais 60 minutos, mas também temos que começar a respeitar o horário de início das sessões, porque hoje começamos com uma hora e meia de atraso. Portanto, aceitamos o aumento de mais 60 minutos, mas temos que respeitar o horário de início.

O Sr. **Presidente**: — O Sr. Deputado Hélder Paquete, Vice-Líder Parlamentar do ADI, aceita que se alargue mais 60 minutos, mas também apela para o cumprimento do horário de início de cada sessão.

Se é consensual, façamos a redistribuição do tempo.

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, não vemos inconveniência em aceitar esta proposta, salvaguardando aliás aquilo que já foi dito pelo Sr. Deputado preponente que se não houver assunto a ser levantado, encerraremos os debates.

Eu gostaria de deixar aqui uma preocupação. Ouvi a intervenção do Sr. Deputado Gil que deu conta dos expedientes que os funcionários da Assembleia fizeram junto ao Conselho de Administração e não tiveram anuência pelo menos para que esse encontro pudesse ser feito. Se houve recusa da parte do Conselho de Administração em falar com os funcionários é muito grave. É sintoma de um sentimento de não ouvir o outro e é muito mais grave na Casa Parlamentar.

O Sr. **Presidente**: — Portanto, vamos desdobrar os tempos já distribuídos para os grupos parlamentares e o Deputado único do MDFM/PL.

Tem a palavra o Presidente do Conselho de Administração.

O Sr. **José Diogo** (ADI): — Sr. Presidente, eu gostaria de começar pela última questão que foi colocada sobre a solicitação de um encontro com o Conselho de Administração pelos funcionários da Assembleia Nacional. Acho que esta questão não é bem verdade. O que eu posso dizer e o que sei é que no seio do Conselho de Administração há uma representante dos trabalhadores da Assembleia. Portanto, ela tem acesso a todas as movimentações e a tudo aquilo que fazemos no Conselho de Administração. Portanto, é a pessoa que acho que é mais indicada para informar os trabalhadores daquilo que tem vindo a acontecer e das decisões que se tem tomado no seio do Conselho.

Da última que sei e que posso esclarecer é que houve um pedido da senhora que é responsável dos trabalhadores da Assembleia junto ao Secretário-Geral, eu pessoalmente presenciei, porque vi lá a equipa dos trabalhadores realmente a expor os problemas que tinham.

A senhora teve acesso àquilo que se fez, eu acho que houve uma parte de atendimento a essas questões que as pessoas colocaram ao nível dos serviços da Assembleia. Não vou entrar em detalhes dalgumas reivindicações que fizeram, porque a senhora tem a informação daquilo que decidimos fazer em Conselho de Administração, para atender a essas necessidades. É verdade que volvidos todos esses passos que fizemos, iniciámos a elaboração do orçamento da Assembleia para apresentar a este Plenário e realmente naquela fase de uma ou duas semanas antes de submetermos à Mesa da Assembleia houve um pedido específico que me fizeram. Quiseram que eu tivesse um encontro directo com eles, mas não foi possível, porque realmente entrámos nesta etapa de reuniões ao nível das comissões e dos trabalhos que tivemos que fazer para o orçamento em si e não houve oportunidade. Foi apenas uma ou duas semanas a esta parte que pediram isso.

Ainda hoje, esta manhã, fizeram-me chegar a nota e as reivindicações são as mesmas que tinham colocado e a senhora teve a oportunidade de ter resposta em termos de satisfação que o Conselho daria a essas questões.

Só queria esclarecer isso para não pensar que há uma necessidade específica de o Conselho de não ir ao encontro dos trabalhadores. Não é bem assim.

Depois do Sr. Secretário-Geral, apenas faltou ter um encontro comigo pessoalmente, mas não houve oportunidade como estou a vos dizer agora. É apenas isso.

Em relação à questão colocada pelo Sr. Deputado José Viegas, é verdade sim, aliás eu ainda me recordo e tenho a impressão de que o Sr. Deputado Delfim Neves ainda falou desta questão há dias. Houve um pedido que achamos não convencional de termos um encontro com a Mesa da Assembleia e também com os Líderes Parlamentares, porque realmente não está previsto isso em termos regimentais, mas fomos a esse encontro no sentido de sabermos qual era o problema que iria ser colocado sobre a mesa de discussões. Realmente naquela altura levantaram questões que têm a ver com a subvenção aos partidos políticos e houve a sensação de uma verba adicional. O que fizemos ao nível do Conselho foi ir ao encontro do Governo com a outra parte e tentámos abordar essas questões.

Agora, o que eu posso avançar da resposta que obtivemos é que não há cabimento orçamental. No âmbito do OGE não era possível e tivemos a certeza de que não era possível atender a esse pedido agora, mas houve a promessa de quando o quadro económico ficar melhor o Conselho e o Governo verem a possibilidade de ver essa questão.

Também há uma outra questão que eu gostaria de colocar aqui. Se se verificar o orçamento, a verba destinada aos partidos políticos está duplicada em relação à que vinham recebendo. Só que houve um pedido para muito mais. Isso para responder ao que o Sr. Deputado Rafael Branco disse. Sim senhor, tem que haver uma medida. Houve esse cuidado, foi duplicado em relação ao que vinha nos outros orçamentos. Até posso dar as cifras se for necessário. Eram 110 milhões e este ano está 220 milhões, o dobro. Portanto, pelo menos houve essa atenção no sentido de duplicar esse valor.

É verdade que para outras questões que foram colocadas não cabe ao Conselho apenas decidir. Terá que ser objecto de uma análise muito mais profunda. Isso é em relação a esta questão de partidos políticos.

O Sr. Deputado José Viegas também colocou uma questão que tem a ver com o Conselho Superior de Imprensa. É verdade que ao nível do Conselho de Administração nos temos deparado com uma situação muito anómala, pela forma como esse Conselho tem vindo a funcionar. Não nos dá satisfação de nada e nunca nos apresentou qualquer relatório. Eu me lembro que na última decisão do Conselho decidimos mesmo suspender a verba que era transferida para esse Conselho, porque chegámos à conclusão de que nem sequer se pagava o salário ao pessoal que faz parte desse órgão.

Havia dívidas, por exemplo, com a Segurança Social. Há meses que não pagam a Segurança Social.

Tivemos que tomar esta decisão para parar realmente com tudo isso e agora o que eu posso dizer como apelo até ao nível da Assembleia é para reflectirmos sobre o Conselho Superior de Imprensa. Aliás, esse Conselho actual já terminou o seu mandato.

Cabe agora à Assembleia tomar uma decisão definitiva sobre como fazer, ou seja, indicar novos membros ou então, se a Assembleia achar que fizeram um bom trabalho, deve reconduzi-los. Esta decisão depende só de nós os Deputados. Temos que fazer um encontro e falar apenas do Conselho Superior de Imprensa e tomar uma decisão definitiva. É isso que eu posso avançar. Que está num quadro negro é verdade e temos que tomar uma decisão até não muito favorável àquilo que está na lei, mas devemos suspender essa avença, porque tivemos informações de que esse dinheiro chegava ali e era só distribuído entre eles e, em contrapartida, não apresentavam absolutamente nenhum trabalho. É isso que eu posso informar neste momento. São as realidades que temos vivido no seio do Conselho sobre esta matéria.

Não sei se satisfiz a sua curiosidade, Sr. Deputado.

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, permita-me só. Relativamente à participação de um membro do colectivo de trabalhadores no Conselho de Administração, eu podia ter tomado como verdade a informação que passaram aqui, porque de facto na reunião que tivemos aqui a pessoa não se fez presente. O representante dos trabalhadores não esteve naquela reunião. Bom, relativamente ao que disse sobre a primeira reunião que fizemos naquele formato mais alargado, o representante ou a representante de

trabalhadores da Assembleia Nacional no Conselho de Administração não esteve presente. Nem sequer sei quem é?

Quanto ao aumento de verbas para os partidos políticos, acho que nós do Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD reagimos com sentido de responsabilidade. Quando aceitamos a proposta, estávamos a pensar num país que não conseguirá nos próximos tempos arrecadar muitos meios. Estamos de acordo com isso, mas também estávamos com o pressentimento de que havia lá coisas que estão programadas que deveriam ser simplesmente eliminadas a favor de outras rubricas como essa que sugerimos que fosse aumentada. O que estamos a pedir é justamente para fazer exercício de realocação.

Sr. Presidente do Conselho de Administração, faça um bocado de esforço para agir mais como parlamentar, deixa que o Governo assuma a sua parte.

O Sr. **José Diogo** (ADI): — Eu apenas tentei transmitir aquilo que realmente vivemos no seio do Conselho.

Houve também uma pergunta do Sr. Deputado Gil...

O Sr. **Albertino Bragança** (PCD): — Sr. Presidente, eu venho só na sequência do que disse o Sr. Líder Parlamentar do MLSTP/PSD. Eu fiz algumas observações em relação às matérias que estavam neste orçamento da Assembleia, mas gostaria de saber do Sr. Presidente se de facto temos que alterar isso tudo ou não, porque o Presidente do Conselho de Administração não se referiu às questões que eu levantei.

**Uma voz:** — Mas ele acabou de dizer agora.

O Sr. **Albertino Bragança** (PCD): — Mas ele tinha pedido. Deu a ideia de que tinha acabado.

**Uma voz:** — Não.

O Sr. **Albertino Bragança** (PCD): — Ai não? Então eu peço imensas desculpas.

O Sr. **Presidente:** — Sr. Presidente do Conselho de Administração, pode continuar.

O Sr. **José Diogo** (ADI): — Era apenas para responder ao Sr. Deputado Gil que exigiu a prestação de contas. É verdade que ao nível do Conselho essa prestação tem tido lugar, porque o Conselho elabora anualmente o seu balanço e apresenta as contas ao Tribunal de Contas. Aos Deputados é uma inovação, deve ser um formato novo como também acabou por dizer o Deputado, aquela reunião que houve entre o Conselho e os Líderes também é um formato novo. Se é um formato novo, decide-se isso e tudo bem, mas em termos de fiscalização são os Deputados que devem fiscalizar. Se está na lei, então vamos passar a aplicar.

Houve também algumas perguntas colocadas pelo Deputado...

O Sr. **Presidente:** — Verba de formação de deputados e funcionários. Também a Sra. Deputada Maria das Neves levantou o problema de custos em relação a actividades da AP-CPLP e também em relação à Rede das Mulheres, reforma do Parlamento...

O Sr. **José Diogo** (ADI): — Se for necessário eu poderei pedir apoio à equipa. Um dos membros do Conselho também poderá responder a esta pergunta, talvez o Sr. Secretário-Geral.

O Sr. **Presidente:** — Vamos ouvir o Sr. Secretário-Geral da Assembleia Nacional.

O Sr. **Secretário-Geral da Assembleia Nacional** (Romão Couto): — Sr. Presidente, Srs. Deputados, bom dia.

Sobre a questão que foi aqui levantada acerca da AP-CPLP, queria dizer que esta é nota explicativa e na expressão utilizámos «designadamente UIP, UPA». Podíamos ter introduzido Assembleia Parlamentar da CPLP, mas não introduzimos, porque a nossa Assembleia é membro de várias instituições e de entre elas as mais antigas e internacionais são a UIP e a UPA.

Somos membros da Assembleia Parlamentar da CPLP, tivemos a primeira assembleia aqui, o primeiro presidente da AP foi o Presidente da Assembleia Nacional, mas que entretanto todas as verbas, todas as deslocações estão inscritas no quadro que aqui se refere «deslocações para exterior». É daqui que tiramos os subsídios e os bilhetes de viagem. A rubrica 01.04.02, no quadro da primeira folha, está a referir-se a subsídios que aqui tiramos para todas as saídas e na página seguinte temos 02.02.08 que fala sobre os transportes.

O que queria aqui sublinhar que referimos «designadamente UPA, UIP e Associação dos Secretários-Gerais», porque trazemos isso como tradição e como está «designadamente» poderíamos ter posto

também Assembleia Parlamentar, mas isso é nota explicativa e não tem incidência fundamental nos quadros orçamentais que apresentamos.

Como todas as deslocações são feitas com a autorização da Assembleia Nacional, as verbas são geridas pelo Conselho de Administração.

Relativamente a essa questão, está incluído a Rede das Mulheres e outras questões que aqui fazemos.

Quanto à formação dos Deputados, tivemos a atenção de que para o próximo ano a formação dos Deputados seja feita pela via intercâmbio dos grupos parlamentares de amizade e/ou jornadas parlamentares. Por exemplo, os Deputados são eleitos para 4 anos e já tivemos o caso de Deputados que foram fazer formações estritamente técnicas – não quero referir-me aqui à formação que foi feita – que não têm nada a ver com o Parlamento.

Não é o Secretário-Geral, mas o Presidente da Assembleia Nacional que decide que formações devem ser feitas, mas neste quadro foi consensual em Conselho de Administração, ao nível dos serviços, mesmo do Sr. Presidente, que o intercâmbio com grupos de amizade é onde os Deputados podem formar-se melhor, conhecer as realidades parlamentares. Temos vários grupos de amizade e podemos dinamizar esses grupos. Temos que fazer intercâmbio entre eles. Pusemos «e/ou jornadas parlamentares».

Quero referir-me que formação técnica, estritamente, deve estar reservada aos serviços.

Peço desculpa por falar neste quadro.

Quanto ao devaneio, questão levantada pelo Sr. Deputado Albertino Bragança, quero referir-me a duas questões: ainda hoje assinei um documento para levantar 55 computadores reabilitados, sublinha-se, e oito novos portáteis, que saíram da Correia do Sul no dia 28 de Setembro e que chegaram hoje, dia 28 de Novembro. Foi um pedido solicitado pela Mesa da Assembleia anterior e só agora acabou de chegar, pela comunicação que tenho. Estes computadores têm que estar inseridos no orçamento, porque não os contabilizámos nem orçamentámos para este ano e teremos que fazer um orçamento suplementar para este caso. Como este temos também uma doação que foi feita pela Assembleia da República de Portugal, até estamos a avaliar o valor. Recebemos quatro servidores e 10 baterias para UPS do qual estamos a estruturar o nosso Centro Informático para manter em funcionamento quando houver cortes de energia. É um valor que temos que reequacionar no nosso orçamento, porque não está colocado.

Vimos de Timor e eles ofereceram-nos softwares de licenças do sistema informático que estimamos num valor bastante razoável, cerca de 60 mil dólares.

Quero me referir a devaneio, estou a levantar esses aspectos para dizer que essas questões têm que vir somar o nosso orçamento, porque isso não estava previsto.

Quanto a rádio da Assembleia, foi uma insistência da Câmara dos Deputados do Brasil. Levantaram isso em Moçambique, quando apresentámos o nosso relatório. Eles entusiasmaram-se e disseram que é muito bom termos uma rádio no nosso Parlamento. Isso entusiasmou-nos e estabelecemos os contactos. Estivemos em Timor e reafirmaram que só estão a depender de nós.

Levantei as questões anteriores para dizer que se não colocarmos no orçamento, não teremos como fazer o trabalho para realizarmos o estudo, estamos ainda no estudo, porque também não vão financiar. Dizem que vão dar toda a assistência técnica.

Sabemos que todo o dinheiro do Brasil quando sai, sai pela via da Agência Brasileira de Cooperação (ABC), os parlamentares podem dar todo o apoio técnico, mas não conseguem tirar o dinheiro. Sobre a questão de rádio é esse o aspecto, colocámos como precaução para ver. Vamos fazer o estudo e se der resultado incorporaremos no orçamento.

Quanto aos outros aspectos, já tivemos aqui a votação electrónica que não funcionou, não é uma coisa muito complicada e as vezes podemos ter contacto com outras instituições que nos podem oferecer.

É nesse quadro de devaneio, mas não faço finca-pé. Se entendermos retirar, podemos retirar ou reequacionar.

Quanto ao estudo de residência oficial do Presidente, é uma questão antiga e não veio só de mim. Desde os mandatos anteriores estamos a colocar esses aspectos, porque em termos de cooperação podemos encontrar formas de fazer um estudo da sede política que temos traçado, já feito pelo Conselho de Administração anterior. Já se tinha traçado alguns pontos de referência sobre como é que entediamos ter a nossa sede política.

Muitas vezes estamos a ver longe e as verbas financeiras podem não encontrar correspondência, mas podemos encontrar correspondência com a cooperação e já estando inscrita é fácil a sua absorção.

Neste ano, por exemplo, só levantei o problema da doação da Correia do Sul, Portugal e de Timor, porque como não está prevista seremos forçados a fazer um orçamento suplementar para reequacionar esse aspecto.

Quanto à conta de gerência, não sei se há instituições que fazem contas de gerência, mas actualizamos toda a nossa conta de gerência, fazemos a entrega ao Tribunal de Conta e só após o parecer dessa instituição é que trazemos para a plenária. Em termos de lei, depois de o Tribunal de Conta dar o seu parecer, se tiver problemas, o Plenário já teria como aprovar ou não a conta, ou aprovar com reservas.

Quando fizerem o parecer ao nível do Tribunal de Contas, submeteremos as contas.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Gil Costa, para uma intervenção.

O Sr. **Gil Costa** (PCD): — Sr. Presidente, entendi a necessidade do Presidente do Conselho de Administração em ter algum apoio do Sr. Secretário-Geral que domina de certa forma a matéria para o esclarecimento do Plenário, mas parece que não vejo no Regimento onde enquadrar a intervenção do Sr. Secretário-Geral.

Se a Mesa tem conhecimento de algum artigo do Regimento que dê a palavra ao Secretário-Geral no Plenário, gostaria que me elucidasse.

O Sr. **Presidente**: — Estamos a discutir o orçamento da Assembleia e quando falei disse como é que o orçamento é preparado. Disse que o orçamento é preparado pelos serviços, sob a coordenação do Secretário-Geral e com orientação do Conselho de Administração.

Portanto, numa discussão profunda, o Sr. Secretário-Geral deve ter a palavra sim senhor.

O Sr. **Gil Costa** (PCD): — Secretário-Geral?

O Sr. **Presidente**: — A Lei Orgânica da Assembleia Nacional é que rege o nosso processo orçamental. Não está no Regimento, está na Lei Orgânica.

Tive o cuidado de esclarecer como é que se prepara o orçamento da Assembleia, está no processo. Os serviços estão envolvidos, o Secretário-Geral está envolvido e o Conselho de Administração está envolvido e numa discussão profunda é natural que o Sr. Secretário-Geral nos esclareça.

Tem a palavra o Sr. Deputado Alcino Pinto, para uma intervenção.

O Sr. **Alcino Pinto** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, tenho uma sugestão à volta da discussão do orçamento da Assembleia Nacional.

Tomei conhecimento de que o Sr. Presidente marcou para depois de amanhã a discussão, na generalidade, do OGE e é verdade que as normas internas ditam que o orçamento da Assembleia Nacional seja aprovado 1 mês antes da aprovação do OGE.

Sr. Presidente, tem sido recorrente aquando da discussão do OGE termos o que chamaria a grande concertação ou o grande consenso entre a Assembleia Nacional e o Governo sobre aquilo que deve ser a contribuição do OGE para o orçamento específico da Assembleia Nacional e a sua discussão num espaço de tempo tão curto cria constantemente pequenas perturbações e há necessidade de acertos em sede da 2.ª Comissão.

Face a esta constatação que não é nova, gostaria de sugerir que numa ocasião breve fizéssemos primeiro a alteração do prazo, ou seja, quero sugerir que se discuta o orçamento da Assembleia não 1 mês antes da aprovação do OGE, mas um pouco antes, porque a Assembleia Nacional tem uma função específica, é um dos órgãos de soberania, tem responsabilidades na fiscalização das acções do Governo e da administração. No meu entender, decorre desses princípios que não obstante as nossas fragilidades e limitações financeiras que o orçamento da Assembleia Nacional, aquando da sua discussão em sede da plenária, tivesse todos os contornos, para evitar situações que anualmente verificamos em sede da 2.ª Comissão.

Sugeria que fizéssemos esforços, numa ocasião, para que o orçamento seja discutido em Agosto ou Setembro.

Sr. Presidente, relativamente à questão dos subsídios aos partidos políticos, eu acho que infelizmente nós nunca discutimos este assunto com a devida importância e com a profundidade que merece. O nosso sistema político e democrático assenta-se essencialmente nos partidos políticos, sem retirar a responsabilidade individual que a Constituição nos atribui como cidadãos, por isso é que temos três partidos representados na Assembleia Nacional...

**Vozes:** — Quatro!

O Sr. **Alcino Pinto** (MLSTP/PSD): — Quatro? Peço desculpa.

*Risos.*

Têm razão eu me tinha esquecido, fiz confusão. São quatro partidos sim. Três grupos parlamentares, mas quatro partidos.

No outro dia, na sessão do debate sobre a Comunicação Social, o Sr. Deputado Levy fez um apelo a todos nós, no sentido de sermos Deputados na plenitude e eu entendi que ele estava a fazer referência específica à nossa participação naquele âmbito, ou seja, de ver todas as competências, não as nossas competências gerais, mas nesse domínio específico. Nós não estávamos a ver especificamente essa questão.

Nessa matéria dos partidos políticos, há também uma falha grave, Sr. Presidente! Deixe-me corrigi-lo, Sr. Presidente do Conselho de Administração. Os dados que estão no orçamento da Assembleia, e em boa hora se faz essa transferência, são do ano passado e nem são 220 milhões. São 240 milhões. Em sede da

2.<sup>a</sup> Comissão, no ano passado, nós conseguimos convencer o Sr. Ministro das Finanças que o orçamento para os partidos devia sair de 120 para 240 milhões. Lamentavelmente, não fiscalizámos a execução dessa alteração, infelizmente as lideranças políticas estão desatentas a este detalhe. Fiz uma consulta aos serviços do meu partido, Sr. Presidente, e o montante que recebemos é idêntico ao de 2010. Quer dizer que os 120 milhões destinados aos partidos políticos não foram distribuídos. Julgo que estamos ainda a tempo, se assim entendermos, de reivindicar este montante do Estado, porque foi orçamentado.

Tenho o Orçamento de 2011 e está alterado. A cifra de 220 milhões é um recuo.

Chamo atenção para a discussão desta questão, porque o MLSTP recebe mensalmente do Estado três milhões, seiscentos e qualquer coisa, que nem dá para o pagamento da água e da energia e sabemos que os partidos políticos não têm autonomia nem sustentabilidade financeira.

Para não prolongar muito, gostaria de lançar um desafio a todos os Srs. Deputados e Sras. Deputadas, para fazermos esse debate em nome da democracia e do Estado de direito, sob pena de continuarmos a dizer que recebemos de A ou B, que estamos a hipotecar isso ou aquilo.

Por último, Sr. Presidente, alguns Srs. Deputados do meu Grupo Parlamentar já fizeram referência ao Conselho Superior de Imprensa. Sobre isso não vou estender muito, mas queria apenas alertar o seguinte: façamos tudo o que tivermos que fazer para melhorar a prestação desse serviço, um órgão entendido necessário para a nossa democracia, particularmente no que concerne à utilidade da nossa comunicação social.

Ouvi o Sr. Presidente dizer que o mandato terminou, é possível, mas os membros continuam em funções. Quero chamar atenção para isso.

Ouvi dizer que há um inquérito, os membros estão suspensos, mas enquanto não forem demitidos têm direito a tudo que está previsto, quer dizer, os seus salários, sob forma de senha de presença. Enquanto não alterarmos, no dia em que retomarem as funções, os serviços poderão ser confrontados a ter que pagar o salário de quando estavam suspensos.

Já no ano passado fiz referência a isso. Eu acho que não obstante o órgão ser importante é necessário que dê sinais de vitalidade e uma recomendação deveria ser feita aos serviços da Assembleia para poder realocar parte desses recursos a outros serviços mais urgentes.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Rafael Branco, para uma intervenção.

O Sr. **Rafael Branco** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, já estive aqui por duas vezes e não cumprimentei o Sr. Ministro dos Assuntos Parlamentares: bom dia Sr. Ministro!

Sr. Presidente, continuo bastante preocupado, bastante mesmo, e algumas reacções aqui preocuparam-me mais ainda, porque temos a tendência de polemizar tudo ou de pegar numa palavra e fazer dela o essencial. Penso que nos devemos cingir ao essencial. Vejo que este orçamento tem coisas importantes e modernas. Temos um sistema de votação electrónica é moderno; uma rádio própria da Assembleia, moderno, mas quando olhamos para este país, quando temos a consciência das dificuldades e das carências de recursos, devíamos ser um pouco mais exigentes connosco próprios e ser mais racionais na alocação dos poucos recursos que temos. Aqui podemos votar com as mãos levantadas ou de outra forma. Isso vai diminuir a qualidade da nossa prestação?

Ter uma rádio própria! Vamos fazer estudos e se nos derem uma rádio, os custos decorrentes disso? Como é que vamos manter essa rádio ano após ano?

Já tivemos o sistema electrónico, falhou, estragou-se. Quem me garante que o próximo não vai estragar dentro de 2 ou 3 meses? São exemplos que devemos pensar.

Estávamos a pagar pessoas que não trabalhavam, como disse o Sr. Presidente do Conselho de Administração. Eu acho que o nosso esforço deve ser racionalizar o modo de funcionamento deste nosso Estado. Não está aqui em causa o Governo, nem a Assembleia, tudo vem da mesma fonte, das receitas que cobramos aos contribuintes ou ajudas internacionais. Temos que fazer um esforço para não perdermos de vista o essencial.

O Sr. Deputado Alcino Pinto fez aqui alusão ao aumento de verbas para os partidos políticos. Devemos discutir isso. Se eles têm a importância que têm para a nossa democracia, no quadro dos recursos escassos, devíamos ver como é que podem funcionar melhor, porque muitos problemas que temos na nossa sociedade surgem dentro dos partidos políticos, enquanto estiverem a funcionar assim.

Portanto, o Sr. Deputado Albertino Bragança falou de devaneios, mas não devemos pegar só nisso. Eu acho que ele estava a pensar num outro sentido que para mim é o sentido essencial: vamos fazer essa despesa para quê? Qual é o ganho que vamos ter? Não devíamos concentrar-nos mais nos nossos recursos para produzir melhor? Para fazermos melhor? Estas são as minhas questões.

Nem sei qual é o valor que está atribuído a cada uma dessas coisas, mas há coisas que a vida nos ensina. Há mínimos críticos que precisamos alcançar, se não for igual a zero.

Se uma coisa custa mil e metemos 12 ou 15 não vamos resolver nada. Estamos com 15 a fazer gastos de maneira inútil. Então vamos canalizar tudo que temos para podermos produzir qualquer coisa. Não me parece que neste momento, nestas circunstâncias, isso é mais importante.

A Sra. Deputada Maria das Neves falou da Rede das Mulheres e isso é um outro problema geral da nossa sociedade. O problema não é só ter dinheiro para as pessoas irem para as conferências, não são só deslocamentos. Estou convencido de que a Rede das Mulheres tem actividades para fazer aqui com as nossas mulheres e como participantes dessas actividades precisam de recursos. Muitas vezes vai-se a conferências e vem-se com pouca contribuição. O que fazemos aqui é também muito importante e não devemos contentar-nos só com o dinheiro garantido para as reuniões.

O Sr. **Presidente**: — Portanto, se eu bem compreendi, o Sr. Deputado defende que se crie rubricas concretas e com alguma dotação para actividades relacionadas com a Rede das Mulheres. É isso?

O Sr. **Rafael Branco** (MLSTP/PSD): — Não. A minha preocupação, por ser mais geral, é que concentremos o pouco que temos naquilo que é absolutamente necessário para trabalharmos.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Delfim Neves, para uma intervenção.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Sr. Presidente, sinto-me tanto quanto ultrapassado com as duas últimas intervenções, mas a Assembleia Nacional precisa efectivamente de melhorar os seus serviços, tal como disse a Sra. Deputada Maria das Neves. Temos que nos debruçar mais internamente, porque o que estamos aqui a discutir hoje tem a ver, em primeiro lugar, com uma questão muito simples: o legislador prevê na Lei Orgânica da Assembleia Nacional que o orçamento da Assembleia seja aprovado 30 dias antes do OGE. O legislador, ao prever isso, é para quê? Para que um órgão tão importante quanto a Assembleia não seja de vez em quando «subalternizada» pelo Governo. Discutir previamente com o Governo o tecto, preparar o seu orçamento e aprovar 30 dias antes do OGE, porque isso de a Assembleia Nacional aprovar o orçamento e depois discutir com o Governo e este dizer que não tem isso para nos dar, só isso, é mau! Estamos a discutir numa posição de fraqueza, quando nós é que vamos fiscalizar a acção governativa.

Penso que quando falei sobre a intervenção da Deputada Maria das Neves, é exactamente porque temos muitas leis avulsas inadequadas, sem o mínimo de adequação. Porquê? O legislador diz aqui que o orçamento da Assembleia Nacional é preparado até o dia 15 de Outubro e aprovado 30 dias antes do OGE, prevendo que o OGE dê entrada na Assembleia Nacional no dia 15 de Novembro. Já não é o caso.

A Lei do SAFE prevê 31 de Outubro, portanto, são 15 dias, mas mesmo assim devíamos respeitar esses 15 dias para evitar essa questão de estarmos na posição de fraqueza.

Uma segunda questão tem a ver efectivamente com aquilo que se diz e nós sabemos que a democracia é cara, tem custos elevadíssimos. De vez em quando ouvimos dizer que em São Tomé e Príncipe a democracia está consolidada. Eu sou um dos críticos que diz que não, a democracia não está ainda consolidada. A democracia significa livre pensamento; significa opção feita por livre e espontânea vontade e não tem sido o caso de São Tomé e Príncipe.

Cumprimos os parâmetros de marcar as eleições, participámos nelas, mas será que os eleitores votam por livre pensar e por uma opção que fazem em consciência? Não e nós todos sabemos disso. E porque é que existe essa facilidade? Porque nós próprios enfraquecemos os partidos políticos financeiramente. Logo, cada um que tenha uma janelinha para ir buscar muito mais faz a opção em compra de consciência. Nós sabemos disso.

Quando falamos aqui para valorizar os partidos políticos, dando-lhes uma verba substancial para os seus trabalhos, podemos pensar que este ou aquele está a dizer isso, porque o partido dele é fraco ou não consegue mobilizar meios. Não é o caso! Se quisermos falar seriamente em democracia, ela só estará consolidada quando os partidos políticos tiverem presença no terreno, sensibilizarem a população com aquilo que têm e que a fiscalização seja feita e agir em conformidade, quando se compra a consciência do cidadão eleitor.

A terceira questão, Sr. Presidente, tem a ver com aquilo que disse o Sr. Secretário-Geral, no âmbito da fiscalização orçamental da Assembleia Nacional, que está a aguardar o visto do Tribunal de Contas. É isso que eu digo, temos muitas leis avulsas. Aí na lei Orgânica da Assembleia Nacional, que é uma lei, não vejo nada que diga que o relatório de contas da Assembleia Nacional tenha que ser visado pelo Tribunal de Contas. O que vejo aqui é que esse relatório de contas deve ser elaborado pelo Conselho de Administração até o dia 15 de Março de cada ano e esse mesmo relatório é aprovado em Plenário. Os pontos seguintes falam sobre os procedimentos e não vejo mais nada, mas certamente há uma outra lei que remete a Assembleia a encaminhar o processo para o Tribunal de Contas.

Portanto, temos que fazer muito trabalho legislativo. É necessário virar para o interior e adequar essas leis todas, porque isso é uma contradição que ninguém entende. Cada sector, cada instituição tem uma lei e não há uma coordenação de um Estado único.

Quanto à questão que se levantou aqui de órgãos que terminam o mandato e as pessoas continuam em funções, algumas vezes recebendo alguma remuneração, outras vezes não, a culpa é de quem? É da Assembleia Nacional. Nós hoje estamos a falar do Conselho Superior de Imprensa, mas temos outros órgãos que não têm nenhum vínculo com Deputados desta Legislatura.

Acho que temos que, como eu dizia da outra vez, rever tudo. Tudo quanto foi feito pela anterior legislatura, no caso de órgãos que estão fora da Assembleia Nacional, com a representação da Assembleia Nacional. Ou vem para os reconduzirmos ou elegemos novos membros. Isso tem que ser feito o mais urgente possível!

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra a Sra. Deputada Maria das Neves, para uma intervenção.

A Sra. **Maria das Neves** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, volto a pedir a palavra, porque considero que as questões que eu tinha colocado não foram globalmente respondidas. Volto à carga sobre essa questão da reforma parlamentar e da revisão da Lei Eleitoral, para saber se é ou não importante.

Sr. Presidente, aquando da sua tomada de posse, no seu discurso, fez referência a isso, julgo que são dois grandes desafios que esta Casa Parlamentar tem. Fazer um exercício desta natureza implica que seja feita ou ao nível das comissões especializadas permanentes que existem – eu não acredito que seja feito, porque já têm as suas funções específicas – ou isso poderá exigir que se tenha que constituir comissões *ad hoc* para fazer esta reflexão. O que eu pergunto é se isso tem ou não custos para o orçamento da Assembleia, deve ou não ser contemplado no orçamento da Assembleia. A resposta não me foi dada.

O Sr. Secretário-Geral deu resposta à questão que eu levantei sobre a AP-CPLP que não me convenceu, porque como nós sabemos, a nota explicativa de qualquer documento elucida o leitor para saber qual é o conteúdo desse documento. Estamos a falar de um orçamento da Assembleia Nacional e o que nos elucida é a nota explicativa que nos foi dada, para que conheçamos de facto o conteúdo do documento que nos é apresentado. O Sr. Secretário-Geral disse que não, porque incluiu «designadamente UPA e UIP». Não só incluiu UPA e UIP, mas também a Assembleia dos Secretários-gerais da CPLP. Se a Assembleia dos Secretários-gerais da CPLP está incluída nesta nota justificativa, porque é que a AP-CPLP que é até chavão maior, um órgão superior à Assembleia dos Secretários-gerais não está também incluído?

O Sr. Deputado Rafael Branco fez referência à questão da Rede das Mulheres. Quando levantei a questão foi precisamente porque a Rede está amputada. Dei exemplo de actividades que aqui ao nível nacional tentamos fazer e que foi bastante difícil, porque no orçamento da Assembleia Nacional não está contemplado nenhuma dotação orçamental para o efeito.

Sr. Presidente, hoje, ao nível mundial, incluir a variável género nos orçamentos das instituições é algo que dá, portanto, sinal aos nossos parceiros de que estamos a lutar pela igualdade e equidade do género, porque há sensibilidade nessa matéria. Se continuarmos a ignorar essa variável, estaremos a marcar passos. É necessário que se entenda que é necessário integrar-se a variável género nos programas, nos orçamentos das instituições, porque há actividades a fazer.

Dei exemplo aqui de pequenas coisas que deveriam ser feitas, das actividades que a Rede nacional deveria fazer e que não faz, porque se inclui esse bolo global de «outros», mas quando vamos pedir alguma coisa em concreto dizem-nos que a verba acabou. Se a Rede tiver a sua dotação orçamental, não estará a passar por isso.

Eu gostaria de, mais uma vez, pedir que se encontrasse uma forma de «distribuir o mal pelas aldeias», atribuir à Rede das Mulheres Parlamentares uma dotação orçamental, para que ela possa exercer as suas actividades. Estaremos a dar sinal de que todos estamos sensíveis à questão de género.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Delfim Neves, para uma intervenção.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Sr. Presidente, gostaria apenas de chamar a atenção ao Sr. Secretário-Geral da Assembleia Nacional e ao Governo, porque tem sido prática os orçamentos serem elaborados com letras em tamanho 24/30, mas quando nos são apresentados trazem umas letras tão pequenas que se calhar esquecem-se que a visão humana tem limites.

*Risos gerais.*

Eu estou com óculos, as minhas lentes são fortes, mas não consigo ler os números.

*Risos gerais.*

Não sei se é uma estratégia. É verdade!

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra a Sra. Deputada Elsa Pinto, para uma intervenção.

A Sra. **Elsa Pinto** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, bom dia a todos.

Venho aqui porque, sendo membro do Conselho de Administração, vejo-me na obrigação de também dar o meu contributo neste importante debate. Considero, inclusive, que para além de se discutir os números, neste debate, importa que a Assembleia possa discutir politicamente algumas questões.

Estamos no debate da Assembleia Nacional, portanto, um instrumento que vai sustentar também as actividades da Assembleia no próximo exercício.

Muitas questões já foram respondidas pelo Sr. Presidente do Conselho de Administração e pelo Sr. Secretário-Geral, mas acho que a primeira questão deverá ser objecto de alguma reflexão, é a questão de profissionalização de Deputados. Não constando, vamos ter que reportar sempre a questão. Muitas vezes dizemos que a nossa prestação não é boa ou porque hoje alguns dizem que os Deputados fazem da sua participação na Assembleia um *part time* e têm um *full time* do outro lado. É verdade que os Deputados não têm conhecimento de muitas questões que hoje se debate na Assembleia com alguma técnica. Daí que eu penso que cabe a nós, politicamente, discutir e decidir quando é que efectivamente vamos pensar nessa profissionalização. Ou faremos um estudo do impacto financeiro, e isso temos que decidir agora, ou em sede das comissões pensarmos politicamente como é que vamos lidar com a questão para o próximo exercício económico. Nesse caso seria para 2013 já, porque nada vem efectivamente sobre esta questão. Importa-nos aqui discutir isso.

Levantou-se também a questão dos organismos titulados pela Assembleia ou aqueles que normalmente a Assembleia indigita ou elege como seus representantes.

Falando um pouco do Conselho Superior de Imprensa, é uma questão que a todos nós preocupa. Vimos que a prestação desse órgão era muito deficitária e muito mais complicada ainda era a questão da gestão e prestação de contas. Eu gostaria de esclarecer os Srs. Deputados que os membros do Conselho Superior de Imprensa, tendo sido eleitos e a Assembleia tendo o seu representante ali, não podemos de maneira nenhuma suspender. O Conselho de Administração não tem esta competência. Neste momento, o que decorre é uma sindicância às contas do Conselho Superior de Imprensa e pretendemos numa transferência, tendo em conta que o Conselho deixou de retroceder valores para pagar a Segurança Social, e assim é ilícito.

Ficou patente no encontro que tivemos com o Conselho Superior de Imprensa a necessidade de discutirmos politicamente também essa questão aqui, porque inclusive os membros falavam da natureza jurídica desse Conselho. Diziam que eram independentes e que não tinham que prestar contas à Assembleia. Cabe a nós também chamar a nós essa questão com muita profundidade. Acho que urge, tendo em conta o próprio papel que esse órgão tem que jogar com a consolidação da nossa democracia. Não é apenas uma questão de dinheiro, mas uma questão política profunda que temos que decidir aqui em sede própria.

A Sra. Deputada Maria das Neves falou de uma questão que tem a ver com a reforma local. A Lei Eleitoral não seria da própria composição da Assembleia Nacional, a reforma não seria nesse caso da Assembleia Nacional também nós aqui nesta discussão deveríamos abrir uma janela para discutir politicamente essa questão. A reforma tem que estar hoje no exercício, na medida em que sabemos como é que o orçamento foi feito. É um princípio de continuidade que vem dos outros anos anteriores e depois adicionamos um pouco mais daquilo que é mais premente e tendo em conta as contingências das dificuldades a negociação é sempre muito difícil. Daí que temos que periodizar aqui em sede próprio o que para nós é importante, a reforma legal, como disse a Deputada Maria das Neves. Efectivamente precisamos reflectir sobre a reforma em comissões. As comissões custam dinheiro e é preciso aqui em sede deste debate dizer que no exercício de 2012 a Assembleia vai-se debruçar sobre a questão da reforma legal e em que condições essa reforma vai ser feita. É claro que o Conselho de Administração é um órgão da Assembleia que tem que acatar a decisão que é tomada aqui no Plenário.

Há outras questões que têm a ver com a prioridade ou não de uma ou doutra despesa. Eu penso que a questão da rádio é uma questão muito importante. Ainda a pouco estivemos aqui num debate em que a Assembleia foi simplesmente impedida, passo ao termo. O que sei é que a sessão não passou, o discurso do Sr. Presidente não passou e acho que em democracia esse meio é muito importante, até porque ajuda no cultivar da cidadania. Então, penso que tendo um país se disponibilizado para fornecer a assistência técnica, o que temos que fazer é saber se é oportuna ou não a questão da rádio. Acho que é bastante oportuno para um poder como este, o poder mais representativo do Estado, ter uma rádio. Devemos evoluir na democracia. Às vezes nos contentamos com pequenas coisas. A rádio é oportuna para a Assembleia Nacional.

Em relação à questão dos valores para a AP e encontros da Rede das Mulheres, há uma prática e eu convido os Srs. Deputados a verem o terceiro anexo, se não me engano. Há valores que estão consignados claramente para essas instituições que o Sr. Secretário-Geral disse «designadamente», mas depois em termos de missões há «outros», mas essa prática ainda não está consolidada ao nível da Rede das Mulheres. Eu pessoalmente coloquei a questão das novas parcerias que a Assembleia tem, os grupos de amizade que a Assembleia precisa de desenvolver com outros países com os quais vamos tendo relação e foi-me devidamente sustentado que estaria na rubrica «outros». Agora é preciso um exercício um pouco mais avançado, para saber exactamente quanto é que essas despesas vão ficar, para que, se efectivamente estiverem consignadas em rubricas, possamos saber. Ainda não há a prática.

Nós recebemos, por exemplo, a AP-CPLP e foi um grande evento, houve uma mobilização quase nacional sobre esse evento, para além da direcção da Assembleia Nacional, mas agora somos os meros, portanto vamos apenas participar como delegação e daí é preciso ajustar esta nova realidade. Esta questão

fica resolvida, porque está aqui diluída nos «outros». Portanto, o que importa é ter abertura suficiente para discutirmos pontualmente essas questões.

Quanto à questão de prestação de contas, pelo que herdamos há uma prática. Os relatórios de gerências são feitos no fim do exercício, são visados e depois submetidos ao Plenário. Portanto, está a correr a sua tramitação e eu penso que em boa hora o Sr. Deputado levantou a questão. Acho que é um grande princípio e até temos que dar exemplo disto e em momento próprio vamos submeter aqui esse relatório para que o Plenário possa ajuizar daquilo que convém.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Levy Nazaré, para uma intervenção.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Sr. Presidente, acompanhei atentamente as intervenções que aqui foram feitas, mas eu gostaria de começar a falar um pouco do Regimento. Até parece que eu estou muito ligado ao Regimento.

Há pouco tempo, quando votámos sobre o desporto, pois deixou de ser só o futebol e se estendeu para outros ramos do desporto, eu queria pedir a palavra, mas não o fiz com o receio de evocar sempre o Regimento. Eu não sei se no Regimento existe esta forma de voto por aclamação que fizemos aqui hoje.

Fui ler rapidamente o Regimento, porque tenho pouco tempo na vida parlamentar, estou a aprender e não domino obviamente o Regimento, mas fui ver o capítulo da votação e parece-me não existir essa forma de votação, isto é, voto por aclamação.

Por isso é que volto a dizer, temos que melhorar a nossa performance aqui como Deputados.

Ouvimos aqui o Sr. Secretário-Geral e também no Regimento não há espaço. Já foi dito aqui, mas estamos todos os dias a fazer essas inovações. Da forma como estamos a trabalhar um dia essas excepções vão passar a ser regras. Ou tratamos de alterar o Regimento ou o violaremos todos os dias.

Gostaria também de fazer uma reflexão sobre o nosso país, sobre a capacidade que o mesmo tem de suportar as suas necessidades e as nossas próprias despesas. Nalguns fóruns já ouvi, e com muita atenção, o Sr. Deputado Rafael Branco levantar a preocupação que tem da nossa fraca capacidade de auto-financiamento. Sempre quando discutimos e noutras discussões, com muita razão, levanta essa preocupação talvez pela sua experiência como governante, de o País não ter capacidade para algumas coisas que nós muitas das vezes nos propomos.

Há pouco tempo falámos da crise que existe a nível mundial e que afecta principalmente os nossos parceiros, o Sr. Presidente de Conselho de Administração referiu à «Primavera Árabe», mas antes havia referido a outros países. Se temos essa consciência de que o mundo está em crise, várias vezes ouvimos os dirigentes dizerem que a grande maioria do nosso orçamento e do PIB é financiado pelos países que nos ajudam, isto é, os países parceiros, o que é que temos que fazer para inverter essa situação? Essa é que deve ser a grande reflexão. Se estes países estão em crises, o que é que estamos a fazer para prevenir os efeitos dessa mesma crise? Eu não tenho grandes conhecimentos na matéria e não sou economista de formação, mas eu posso pelo menos aqui dar um contributo. Precisamos de investidores que venham ajudar São Tomé e Príncipe a investir, criando postos de emprego e ajudar na nossa economia, mas é fundamental que todos nós juntos como são-tomenses tenhamos essa visão e possamos transmitir para esses mesmos investidores alguma paz social e alguma tranquilidade política interna, de modo que os recursos venham. Todos os dias, quer na nossa função como políticos quer na comunicação social, transmitimos a posição de que estamos constantemente numa instabilidade. É verdade que não é aquela instabilidade sanguínea como alguns países da região, mas há essa instabilidade política que não ajuda a garantir o investimento, então teremos problemas com certeza com essa crise. Só não sentimos a crise muito ainda, porque infelizmente desde a nossa independência que estamos em crise. No fundo São Tomé e Príncipe é um país que está constantemente em crise. Logo, um país em crise, quando há crise, não sente muito. Pelo menos as pessoas não sentem muito a crise, mas temos que criar um espaço e esta deve ser uma matéria que nós aqui enquanto Deputados devemos reflectir e chamar também o Governo para essa mesma reflexão sobre as formas que nós, enquanto uma colectividade, estamos a nos preparar para essa crise.

Ouvi aqui falar de financiamento aos partidos políticos. Salvo erro, não tenho em mente o número da lei, mas há a Lei de Financiamento aos Partidos Políticos, com regras.

Na colectânea que nos deram no início da Legislatura, quando tomámos posse, há a Lei Orgânica da Assembleia Nacional que, no seu artigo 53.º, também fala disso, «subvenções aos partidos e grupos parlamentares». Pelo valor que se dá aos partidos políticos que vi aqui, já estamos a violar esta lei. Daí que concordo com o Sr. Deputado Delfim Neves e outros que me antecederam que é necessário repensarmos a nossa actuação enquanto Deputados. Volto, mais uma vez, a tocar nisso.

Essa lei é de 1994...

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — 2007.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — 2007, desculpem, é a Lei n.º 4/2007, de 9 de Março e já não coaduna com a nossa realidade e necessidades.

Entendo os Deputados que vieram invocar a necessidade de mais dinheiro para os partidos políticos, mas primeiro temos que rever e alterar a Lei.

O artigo 53.º, ponto 2, da Lei Orgânica da Assembleia Nacional diz: «A subvenção consiste numa quantia em dinheiro equivalente à fracção de um/cinquenta avos do salário mínimo nacional (...)» e nós não temos salário mínimo nacional. Temos salário mínimo da função pública, mas não temos salário mínimo nacional.

É por isso que, reforçando também as palavras da Sra. Deputada Maria das Neves, temos que fazer a reforma parlamentar, urge! Temos que rever a Lei Eleitoral, urge!

Neste momento, está a decorrer o Fórum dos Imigrantes ou da diáspora e tive o privilégio de estar presente ontem, fui convidado e ainda estive lá esta manhã, antes de vir aqui para a Sala, e levantou-se a questão de os nossos concidadãos na diáspora votarem, participarem também no acto legislativo e elegerem também deputados da diáspora. É uma exigência das nossas comunidades, mas para isso temos que alterar a Lei Eleitoral.

Por isso, caros colegas Deputados, temos uma missão espinhosa.

Ouvindo os Deputados, às vezes me pergunto: mas estamos a levantar essas questões e estamos a pedir para quem vir fazer isso? Da forma como as questões estão a ser levantadas, até parece que existe um outro órgão com competências e atribuições para fazer isso. Somos nós mesmos que temos que alterar as leis; somos nós os Deputados que temos que fazer as reformas; somos nós que temos que decidir tudo isso, se não os nossos concidadãos que estão a nos escutar vão perguntar se queremos que o povo venha ao Parlamento resolver essas questões. Não, somos nós, essa é nossa missão, é para isso que fomos eleitos.

Daí que deixo um repto a todos os grupos parlamentares: projectos de alteração às leis, reforma parlamentar, reforma da justiça, da comunicação social, enfim, tudo! Que aqui levantemos as questões e os grupos parlamentares ou um grupo de Deputados tenham a iniciativa. O próprio Regimento precisa de ser alterado.

É um repto que ao Grupo Parlamentar da ADI, a que pertença, quer aos grupos parlamentares da oposição.

Se continuarmos como estamos, a sensação que tenho é que uma pessoa esclarecida que nos escuta fica a perguntar o que é que estamos aqui a fazer.

Sr. Deputado Delfim Neves, espero que não entenda isso como ironia, porque não sei, não conheci os orçamentos dos anos anteriores, mas quero perguntar-lhe se por acaso quando era ministro as letras eram maiores ou se tinham o mesmo tamanho.

**Vozes:** — Oh!

O Sr. **Presidente:** — Srs. Deputados, já vamos muito adiantados na hora, são 13 horas e 15 minutos. Tem a palavra o Sr. Deputado Delfim Neves, direito a resposta.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Sr. Presidente, confesso que esta perguntar não devia sequer ter resposta, mas costuma-se dizer que cada pergunta requer, imediatamente, uma resposta e que ela convença o seu inquiridor. Devo dizer ao Sr. Deputado que para mim foi, efectivamente, uma ironia do destino pronunciar dessa maneira, porque participar num governo não quer dizer que esteja a concordar com o tamanho das letras que vêm de sectores onde o ministro, eventualmente, não esteve na tutela. Ainda que estivesse, haveria outros argumentos para justificar o porquê dessas letras virem tão diminuídas.

O que estou a levantar é uma questão geral de saúde e do ser humano. A visão tem um limite de distância e aqueles que a têm curta usam lentes, como é o meu caso, mas mesmo com lentes não estou a ver as letras...

*Risos gerais.*

... e acho que muitos Srs. Deputados também têm as mesmas dificuldades. O que é que isso tem a ver com participar ou não num governo? Desculpe lá!

O Sr. **Presidente:** — Tem a palavra o Sr. Deputado António Ramos, para uma intervenção.

O Sr. **António Ramos** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, não sei se entendi bem, mas no uso da palavra o Sr. Secretário-Geral disse que o capítulo «formação» está destinado a seminários, trocas de experiência e não formação técnica. Para mim é preocupante, isto porque tem a ver com competências. Um economista não vem aprender, por exemplo, o que é *défice*, *default*, *etc.*, porque são coisas simples.

**Vozes:** — Mas para um engenheiro é importante!

O Sr. **António Ramos** (MLSTP/PSD): — Temos que dar maior valor aos Deputados, pelo menos começar a pensar numa outra visão, o que é que queremos ou que pensamos para os Deputados. Por isso penso que devíamos adequar a formação ao nível e não meter toda gente no mesmo saco. Na nossa língua costumamos dizer «*mina d'áua ça mina muchingi*».

O Sr. **Albertino Bragança** (PCD): — Oh!

O Sr. **António Ramos** (MLSTP/PSD): — Por isso, pensem bem e vejam, portanto, a possibilidade de dar progressão a outras pessoas e que não ponham todos no mesmo nível. Muitas vezes as pessoas tem tendência em elevar o nível, mas não conseguem.

O Sr. **Guilherme Octaviano** (MLSTP/PSD): — Muito bem!

O Sr. **Presidente**: — Quando falamos na formação dos Deputados, de facto não nos ocorre formação técnica. Preocupamo-nos com a formação dos Deputados em matérias do Parlamento...

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Exacto!

O Sr. **Presidente**: — ...para conhecer o Regimento; as leis fundamentais o País, como a Constituição. Seriam os partidos talvez a se preocuparem com a formação técnica dos Deputados. Os partidos é que seleccionam os cidadãos, os seus militantes e membros para virem a ser Deputados. A preocupação maior para ter Deputados com competências seria fundamentalmente a preocupação dos partidos no recrutamento. Para ser bom Deputado realmente é bom conhecer algumas coisas jurídicas, conhecer algumas coisas da organização administrativa...

O Sr. **Rafael Branco** (MLSTP/PSD): — Conhecer o País.

O Sr. **Presidente**: — Conhecer o País!

A Sra. **Elsa Pinto** (MLSTP/PSD): — Isso é que é importante!

O Sr. **Presidente**: — Agora, quando ele se torna Deputado, aqui temos a preocupação que de facto ele conheça a técnica parlamentar. Como é que se discutem e aprovam leis, o Regimento como é que se faz a votação, conhecer a lei do orçamento, que é a lei fundamental para a gestão do País. Portanto, quando estamos preocupados no orçamento da Assembleia a prever a formação de Deputados, a melhor forma é cada grupo parlamentar organizar jornadas parlamentares com temas concretos, para permitir que os Deputados tenham informações cada vez mais no que respeita ao funcionamento da Assembleia.

Quanto à formação dos funcionários, há outra preocupação. Na Direcção de Apoio ao Plenário queremos bons juristas para nos ajudarem a elaborar projectos de lei; queremos bons técnicos economistas nos Serviços Financeiros para nos ajudarem a analisar; queremos outras profissões técnicas para apetrechar os serviços da Assembleia. Agora, Deputados, já é outro problema.

É por isso que o Sr. Secretário-Geral disse que, para além de jornadas parlamentares, permitir que os Deputados façam visitas aos outros parlamentos com os quais temos relações, para ganharem experiência e fazerem intercâmbio. Não é formação de sentar na carteira para aprender economia, por exemplo. Não é nada disso!

Tem a palavra o Sr. Deputado José Viegas, para uma intervenção.

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, venho fazer duas notas.

Primeira, ouvi a sua última intervenção e espero que não esteja enganado, mas o que vou dizer julgo ser de interesse da Assembleia, também dos grupos parlamentares e dos Deputados, em particular. Pode haver uma formação de curta duração, um seminário sobre normas de legística, como legislar, etc., é uma formação técnica. Agora, o Sr. Presidente está a se referir ao tipo de formação, que penso que nem é a Assembleia que tem que fazer. Isso é já da responsabilidade de outros órgãos.

Segunda nota, foram dadas aqui algumas contribuições, a Sra. Deputada Maria das Neves falou da necessidade de precisar algumas despesas, dotação orçamental e foram feitas aqui algumas observações que espero que sejam tomadas em conta pelo Conselho de Administração na formulação final deste orçamento.

Gostaríamos de receber, ao nível dos nossos grupos parlamentares, essa versão final do orçamento, para termos a certeza de que o que andamos a fazer aqui não foi um exercício desnecessário.

O Sr. **Presidente**: — Acho que o Conselho de Administração tomou boa nota. Também estou de acordo que se veja a questão de dotação de alguma verba, repartindo o mal pelas aldeias, como disse a Sra. Deputada Maria das Neves, no que respeita às actividades da Rede das Mulheres. Clarificar também a

questão da AP-CPLP, a questão da profissionalização, uma reflexão sobre o custo talvez da viabilidade dessa profissionalização. Já falámos disso várias vezes. Temos realmente que fazer a revisão da Lei Eleitoral e do próprio Regimento, a lei parlamentar. Portanto, prever no orçamento alguma dotação para suportar os encargos com esses trabalhos.

Tem a palavra o Sr. Deputado Gil Costa, para uma intervenção.

O Sr. **Gil Costa** (PCD): — Sr. Presidente, penso que estamos a fazer alguma confusão aqui nessa questão de formação. Há formação que deve ser organizada sim pela Assembleia Nacional, mas também há formação que é atribuída aos grupos parlamentares. Há verba destinada aos grupos parlamentares para formarem os seus Deputados, de acordo com a sua política. Noutros países os Deputados têm secretária, têm assessores, têm tudo e em São Tomé não temos. Por isso os Deputados, pessoalmente, devem ser capacitados para lidarem com a política dos grupos parlamentares, porque cada um deles tem a sua política. Essas verbas vinham nos orçamentos, cada grupo parlamentar, de acordo com a sua política, requeria aos serviços da Assembleia Nacional uma formação, seria autorizada e o Deputado iria fazer a sua formação.

É esse tipo de formação que estou a apelar que não se corte.

O Sr. **Presidente**: — Penso que isso está claro.

Tem a palavra o Sr. Presidente do Conselho de Administração, para uma intervenção.

O Sr. **José Diogo** (ADI): — Sr. Presidente, apenas para dizer que tomamos boa nota de todas as recomendações e sugestões feitas ao longo deste debate.

Quero dizer também, para reflexão, que talvez para o orçamento de 2013 se devia inverter essa situação. Ao invés de elaborar apenas o orçamento, se calhar ter-se-ia um encontro – não sei, teremos que estudar a questão – em que estas questões todas que foram colocadas cá fossem já dirimidas antes da apresentação do orçamento. Teríamos tomado em consideração isto tudo, o aspecto, por exemplo, que a Deputada Maria das Neves apresentou aqui.

Portanto, vamos melhorando os nossos trabalhos e acredito que poderemos encontrar um quadro diferente para, antes de apresentar o orçamento, termos essas questões todas analisadas e podermos ter uma resposta.

Portanto, é esse repto que faço cá. Deixo isso para reflexão e veremos, internamente, como melhorar as nossas prestações.

O Sr. **Presidente**: — Podemos passar à votação do projecto de resolução pertinente?

Há um projecto de resolução do orçamento e convido a Sra. Secretária da Mesa para proceder à leitura do mesmo.

A Sra. **Secretária**: — Sr. Presidente, Srs. Deputados, passo à leitura do projecto de resolução n.º 27/IX/2012 – Orçamento da Assembleia Nacional.

«Projecto de orçamento da Assembleia Nacional para 2012.

A Assembleia Nacional, no uso da competência que lhe é atribuída no número 1 do artigo 55.º da Lei 6/2010 vota, nos termos da alínea *b*) do artigo 97.º da Constituição, o seguinte:

Artigo 1.º, aprovação do orçamento.

É aprovado o orçamento da Assembleia Nacional para o ano económico de 2012, conforme os mapas anexos números um, dois, três e quatro, que fazem parte integrante da presente resolução.

Artigo 2.º, receitas.

As receitas são estimadas em Dbs. 58 514 202 564 00, sendo Dbs. 41 115 100 000 00 correspondentes a receitas correntes e Dbs. 17 399 102 564 00 correspondentes a receitas de capital.

Artigo 3.º, despesas.

As despesas são fixadas em Dbs. 58 514 202 564 00, sendo Dbs. 41 115 10 000 00 correspondentes a despesas correntes e Dbs. 17 399 102 564 00 correspondentes a despesas de capital.

Artigo 4.º, salário.

Os salários da Assembleia Nacional são calculados na base dos índices salariais constantes da Lei 6/2010, subsidiada pela Lei 5/97.

Artigo 5.º, senhas de presenças.

Para além da remuneração permanente, o Deputado pertencente a mais de uma comissão especializada permanente tem direito a senha de presença apenas numa comissão permanente.

Artigo 6.º, execução.

A execução do orçamento da Assembleia Nacional é feita nos termos da Lei 6/2010.

Artigo 7.º, entrada em vigor. A presente resolução entra em vigor nos termos da lei».

O Sr. **Presidente**: — Podemos votar na generalidade?

Srs. Deputados, vamos votar na generalidade o projecto de resolução n.º 16/IX/2012 – Orçamento da Assembleia Nacional.

*Submetido à votação, foi aprovado com 49 votos a favor e 1 abstenção.*

Agora, passemos à votação na especialidade.

Alguma observação sobre o preâmbulo do projecto?

Tem a palavra o Sr. Deputado Idalécio Quaresma, para uma intervenção.

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — Sr. Presidente, tenho só uma observação. É que a Lei do Formulário diz, no seu artigo 12.º: «As resoluções da Assembleia Nacional obedecem ao seguinte formulário: a Assembleia resolve, nos termos ...». Portanto, é só substituir a palavra «vota» por «resolve».

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, não havendo mais observações na especialidade sobre o projecto de resolução, vamos passar à votação o preâmbulo e os artigos 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º e 7.º.

*Submetidos à votação, foram aprovados com 49 votos a favor e uma abstenção.*

Srs. Deputados, vamos passar à votação final global do projecto de resolução n.º16/IX/2012.

*Submetido à votação, foi aprovado com 49 votos a favor e uma abstenção.*

O Sr. **Gil Costa** (PCD): — Sr. Presidente, gostaria de fazer uma declaração de voto.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra se faz favor.

O Sr. **Gil Costa** (PCD): — Sr. Presidente, imagino que os Srs. Deputados tenham estranhado a minha posição. É um pouco para ser coerente com aquilo que fui defendendo durante o debate, o facto de ter recebido tardiamente o orçamento e de não aparecer o mapa de execução do ano em curso. Portanto, isso deixa algumas coisas por esclarecer.

Não estando consciente daquilo que ia aprovar, decidi abster-me, para não assumir o presente orçamento.

O Sr. **Presidente**: — Está registado.

Por último, temos a aprovação de duas resoluções que prorrogam os prazos de realização dos inquéritos em curso. As duas comissões de inquérito em curso, acerca da Lota de Peixe e de Chapas de Zinco requereram a prorrogação do prazo em mais 60 dias, para continuarem a trabalhar.

Tem a palavra o Sr. Deputado Levy Nazaré, para um pedido de esclarecimento.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Sr. Presidente, é apenas para invocar, mais uma vez, o Regimento. A não ser que não saiba onde está, mas não existe declaração de voto oral. Tem que ser por escrito. É o que diz o artigo 106.º, salvo erro, a não ser que haja um outro.

O Sr. **Rafael Branco** (MLSTP/PSD): — É tradição!

*Risos gerais.*

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Ah, é tradição!

O Sr. **Presidente**: — Portanto, vamos apreciar os projectos de resolução que prorrogam os prazos das CPI.

Tem a palavra a Sra. Secretária da Mesa, para fazer a leitura dos projectos.

A Sra. **Secretária**: — «Projecto de resolução n.º28/IX/2011.

Preâmbulo.

Tendo sido constituída, em 28 de Setembro do corrente ano, a Comissão Parlamentar de Inquérito no sentido de averiguar as circunstâncias que caracterizam o processo de venda das 40 274 mil chapas de zinco, financiadas pelo Governo japonês, em 2008, de conformidade com o requerimento n.º2/IX/2011, tendo como base a solicitação de um grupo de Deputados à Mesa da Assembleia Nacional, nos termos da alínea c) do artigo 3.º da Lei n.º2/2007, Lei do Regime dos Inquéritos Parlamentares;

Considerando que o prazo de 45 dias fixado pela resolução n.º27/IX/2011 para submeter o respectivo relatório ao Plenário da Assembleia Nacional se manifestou de todo insuficiente para que a Comissão concluísse a sua missão, nos termos da referida resolução;

Tornando-se necessário prorrogar o referido prazo com vista à conclusão das audições e dos trabalhos ainda por realizar;

A Assembleia Nacional vota, nos termos da alínea *b*) do artigo 97.º da Constituição, o seguinte:

Artigo 1.º É prorrogado por mais 60 dias o prazo do disposto no artigo 3.º da resolução n.º27/IX/2011.

Artigo 2.º A presente resolução entra imediatamente em vigor.

Publique-se.

Assembleia Nacional, em São Tomé, aos 29 de Novembro de 2011.»

O Sr. **Cecílio Quaresma** (ADI): — Sr. Presidente, não sei se para a CPI sobre a lota de peixe é necessário...

*Murmúrios e protestos gerais.*

Refiro-me à lota de peixe, porque pertenço a essa C...

O Sr. **Carlos Pinheiro** (ADI): — Não, agora é outra!

**Vozes:** — Não, não é isso, estás a fazer confusão.

O Sr. **Cecílio Quaresma** (ADI): — Qual é?

O Sr. **Carlos Pinheiro** (ADI): — É a de chapas de zinco.

O Sr. **Cecílio Quaresma** (ADI): — Mas é a mesma coisa! Porque tanto chapas de zinco, como lota de peixe é a mesma coisa...

**Vozes:** — Não, não!

O Sr. **Cecílio Quaresma** (ADI): — Ok, então deixo a palavra para as chapas de zinco.

O Sr. **Presidente:** — Srs. Deputados, há alguma observação em relação ao projecto de resolução n.º28/2012, relacionado com o inquérito de chapas de zinco?

Não havendo, vamos votá-lo na generalidade.

*Submetido à votação, foi aprovado com 48 votos a favor e 1 abstenção.*

Vamos passar à votação na especialidade, o preâmbulo e os artigos 1.º e 2.º.

*Submetidos à votação, foram aprovados com 48 votos a favor e 1 abstenção.*

Votação global final do projecto de resolução.

*Submetido à votação, foi aprovado com 48 votos a favor e 1 abstenção.*

Agora vamos apreciar o segundo projecto, relacionado com a CPI da lota de peixe.

Tem a palavra a Sra. Secretária da Mesa, para apresentar o referido projecto de resolução.

A Sra. **Secretária:** — «Projecto de resolução n.º29/IX/2011.

Preâmbulo.

Tendo sido constituída, em 28 de Setembro do corrente ano, a Comissão Parlamentar de Inquérito, no sentido de aprofundar as questões que se prendem com a eventual concessão da lota de peixe, de conformidade com o requerimento n.º1/IX/2011, tendo como base a solicitação de um grupo de Deputados à Mesa da Assembleia Nacional, nos termos da alínea *c*) do artigo 3.º da Lei n.º2/2007, Lei do Regime dos Inquéritos Parlamentares;

Considerando que o prazo de 45 dias fixado pela resolução n.º26/IX/2011 para submeter o respectivo relatório ao Plenário da Assembleia Nacional se manifestou de todo insuficiente para que a Comissão concluísse a sua missão, nos termos da referida resolução;

Tornando-se necessário prorrogar o referido prazo com vista à conclusão das audições e os trabalhos ainda por realizar;

A Assembleia Nacional vota, nos termos da alínea *b*) do artigo 97.º da Constituição, o seguinte:

Artigo 1.º É prorrogado por mais 30 dias o prazo do disposto no artigo 3.º da resolução n.º 26/IX/2011.

Artigo 2.º A presente resolução entra imediatamente em vigor.

Publique-se.

Assembleia Nacional, em São Tomé, aos 29 de Novembro de 2011.»

O Sr. **Presidente**: — Há alguma observação?

Tem a palavra o Sr. Deputado Cecílio Quaresma, para uma intervenção.

O Sr. **Cecílio Quaresma** (ADI): — Sr. Presidente, trabalho na CPI de lota de peixe e já estamos praticamente a concluir o inquérito. Só se houver outras coisas mais que eu não saiba. Não vejo razão para levarmos mais 2 meses...

**Uma voz**: — Não, são 30 dias!

O Sr. **Cecílio Quaresma** (ADI): — Não são 60 dias?

O Sr. **Gil Costa** (PCD): — Não! O Sr. Deputado não tem estado atento!

O Sr. **Cecílio Quaresma** (ADI): — Mesmo os 30 dias...

*Risos gerais.*

... é muito tempo, não faz sentido. Acho que nessa nossa CPI os Deputados têm um trabalho muito grande a fazer pela frente e não faz sentido estarmos aqui mais 30 dias. Acho que em 2 semanas poderemos terminar os nossos trabalhos. Só se houver outros casos mais. Penso que temos muito que fazer do que estarmos a perder mais tempo com esse trabalho.

O Sr. **Presidente**: — A sua opinião é que em vez de 30 dias seriam 2 semanas?

O Sr. **Cecílio Quaresma** (ADI): — No máximo!

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Rafael Branco, para uma intervenção.

O Sr. **Rafael Branco** (MLSTP/PSD): — O Sr. Deputado Cecílio é um grande trabalhador, já mostrou isso na Comissão, mas vamos entrar para uma fase de orçamento e, por uma questão de credibilidade nossa, para não estarmos a falhar prazos, acho que era prudente deixarmos em 30 dias.

Sei que para o Sr. Deputado seriam 8 dias, mas somos muitos.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Guilherme Octaviano, para uma intervenção.

O Sr. **Guilherme Octaviano** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, ouvi atentamente a proposta do nosso colega Cecílio, também faço parte dessa CPI. Acho que vamos entrar na fase de discussão do OGE e das GOP, estou a fazer o somatório dos dias de trabalho e, no entanto, vamos ter o período festivo, desde o dia dos reis, Natal e Ano Novo...

O Sr. **Rafael Branco** (MLSTP/PSD): — Afinal, reis?

O Sr. **Guilherme Octaviano** (MLSTP/PSD): — Sugeria em vez de 30 dias, 60 dias.

*Risos gerais.*

O Sr. **Presidente**: — A segunda proposta é para 60 dias.  
Mais observações ou intervenção?

O Sr. **Rafael Branco** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, queria pedir a retirada desta última proposta, que é contrária aos factos religiosos. O Dia dos Reis é depois do Natal, 6 de Janeiro. O Sr. Deputado citou o Dia dos Reis em primeiro lugar. Devia retirar a proposta, porque não está conforme.

*Risos gerais.*

O Sr. **Presidente**: — O Sr. Deputado Guilherme Octaviano retira a proposta?

O Sr. **Guilherme Octaviano** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, gostaria de ouvir a opinião do Presidente da nossa Comissão, o Sr. Deputado Albertino Bragança.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Albertino Bragança, para fazer a consideração entre as três propostas. Há uma para 2 semanas, outra para 30 dias e outra para 60 dias.

O Sr. **Albertino Bragança** (PCD): — Sr. Presidente, estava tão sossegado no meu canto e me meteram no barulho.

*Risos gerais.*

De facto a resolução tinha três alíneas bem específicas. Acabamos de ouvir algumas pessoas ligadas à Administração Pública e agora temos que fazer a conclusão do relatório.

Depois de tudo quanto ouvimos, vamos ter que concluir. Vamos ter que fazer as recomendações, após avaliar as infracções, se as houver.

De facto, aproxima-se o mês de Dezembro, que é o mês em que a garantia de quórum costuma ser muito difícil aqui nesta Assembleia. Isso certamente terá feito com que o Sr. Deputado Guilherme Octaviano tenha proposto 60 dias. É certo que estamos adiantados, mas o receio de vir a pedir outros 30 dias terá levado de certo o Sr. Deputado a equiparar o trabalho das duas comissões.

Falando em nome da Comissão, vamos ficar no meio dos dois períodos, 45 dias, que talvez seria a garantia para que o nosso processo de inquérito pudesse concluir, tendo em atenção o período que se avizinha, em que o quórum vai ser muito complicado.

O Sr. **Presidente**: — Portanto, a proposta está resumida num meio-termo. Portanto, em vez de 60 dias ou 2 semanas, 45 dias.

Qual é a reacção do Plenário?

*Protestos do Sr. Deputado José Diogo.*

Nos termos da Lei dos Inquéritos, artigo 13.º, está em conformidade, não violando o preceito que diz: «O prazo de conclusão do inquérito é fixado pelo Plenário entre o mínimo de 45 dias e o máximo de 180». Portanto, 45 mais 45 é igual a 90 e está dentro do período previsto na Lei.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Albertino Bragança, para uma intervenção.

O Sr. **Albertino Bragança** (PCD): — Sr. Presidente, é só para dizer que o prazo de 45 dias dá-nos garantias. Agora, se acabarmos antes, melhor ainda. Isso para salvaguardar a posição do Sr. Deputado Cecílio Quaresma, que de facto é um Deputado muito trabalhador na Comissão...

**Vozes do ADI**: — Oh, *bacuê* Cecílio!

O Sr. **Albertino Bragança** (PCD): — Não, é mesmo trabalhador! Queria fazer-lhe aqui esse elogio, ele pensa que, com o ritmo que temos, podemos acabar antes. Se acabarmos antes, entregaremos antes.

*Aplausos do Sr. Deputado Levy Nazaré.*

O Sr. **Presidente**: — Portanto, fixemos a prorrogação em mais 45 dias.  
Srs. Deputados, vamos votar na generalidade a projecto de resolução n.º 29/IX/2011.

*Submetido à votação, foi aprovado com 49 votos a favor.*

Votação na especialidade, começando pelo preâmbulo e os artigos 1.º e 2.º.

*Submetidos à votação, foram aprovados com 49 votos a favor.*

Votação final global do projecto de resolução n.º 29/IX/2011.

*Submetido à votação, foi aprovado com 49 votos a favor.*

Srs. Deputados, chegamos ao fim dos nossos trabalhos e faço lembrar que na quinta-feira estaremos de volta.

Dou por encerrada a sessão.

*Eram 14 horas.*